

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS**

LUCIENE PAULA MACHADO PEREIRA

REDAÇÃO DO ENEM: UMA ANÁLISE DA (IN)COMPETÊNCIA TEXTUAL

Campo Grande – MS
Julho-2009

LUCIENE PAULA MACHADO PEREIRA

REDAÇÃO DO ENEM: UMA ANÁLISE DA (IN)COMPETÊNCIA TEXTUAL

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sob a orientação da Prof^a Dr^a Maria Emília Borges Daniel.

Área de concentração: Linguística e Semiótica

Campo Grande – MS
Julho-2009

LUCIENE PAULA MACHADO PEREIRA

REDAÇÃO DO ENEM: UMA ANÁLISE DA (IN)COMPETÊNCIA TEXTUAL

APROVADA POR:

MARIA EMÍLIA BORGES DANIEL, DOUTORA (UFMS)

ELUIZA BORTOLOTTO GHIZZI, DOUTORA (UFMS)

RAIMUNDA MADALENA ARAÚJO MAEDA, DOUTORA (UFMS)

Campo Grande, MS, 30 de julho de 2009.

À minha mãe, Maria Amélia,
e ao meu amor, Virgílio.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, não por ser óbvio, mas por ser verdadeiro, à minha orientadora, Prof^a Dr^a Maria Emília Borges Daniel, pela confiança depositada em mim desde o início.

Ao Prof. Dr. José Genésio Fernandes, pelo carinho e confiança sempre dispensados a mim. Por ter me mostrado os caminhos do texto e do sentido através da teoria semiótica francesa. Pelas conversas interessantes, por ter me afirmado sobre a solidão do homem e o mistério do sentido da vida.

À Prof^a Me. Edna Pagliari Brun, amiga de graduação, pelo apoio e pelas conversas, que muitas vezes também serviram como orientações.

À Prof^a Dr^a Eluiza Bortolotto Ghizzi e ao Prof. Dr. Antônio Vicente Seraphim Pietroforte, pelas críticas e sugestões no exame de qualificação, que muito contribuíram para a conclusão do trabalho de escrita.

Ao Inep, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, por ter proporcionado que a pesquisa se efetivasse através da disponibilização dos textos constituintes da prova de redação do Enem 2006.

À minha mãe, Maria Amélia Machado Pereira, por tudo. Como se essa pequena palavra pudesse transparecer toda a luta empreendida para o meu bem. Por me fazer ler ao invés de limpar a casa. Pelo incentivo e respeito pelo meu trabalho e pelo meu estudo. Por me querer fazer ser uma pessoa melhor.

Ao meu amor, Virgílio Napoleão Sabino, por ter tornado o meu caminho muito mais belo e repleto de sentido. Por me fazer enxergar a direção de minha paz.

Às minhas amigas que dividiram comigo a trajetória da formação profissional, no curso de graduação, em especial à Jurandir Andrade Barbosa, Juliana Rodrigues dos Santos e Rute dos Santos Silva, pelo constante apoio e incentivo, mesmo distante.

À minha família em geral, por também se fazer presente no incentivo ao meu estudo.

A todos os amigos e colegas, professores ou não, que de alguma forma me incentivaram durante essa trajetória.

“Não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a. Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem.”
(Émile Benveniste)

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – NÍVEL SOCIOLÓGICO	26
Quadro 2 – NÍVEL PSICOLÓGICO	29
Quadro 3 – AS BASES DA TIPOLOGIZAÇÃO NO QUADRO DA LT	35
Quadro 4 – ESQUEMA DO FUNCIONAMENTO DISCURSIVO	36
Quadro 5 – TRECHOS REPRESENTATIVOS (ARGUMENTAÇÃO INGÊNUA/EXAGERADA)	58
Quadro 6 – TRECHOS REPRESENTATIVOS (REFERÊNCIA AO PAINEL DE LEITURA)	60

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	10
CAPÍTULO I	
O Enem em contexto	16
A redação do Enem	20
CAPÍTULO II	
As redações em análise	23
2.1. O contexto de produção	25
2.2. Os critérios de análise	29
2.3. Sobre o que dizer? – O painel de leitura	31
2.4. A análise	34
2.4.1. A pragmática textual	35
2.4.2. As estratégias da argumentação	40
2.4.3. Grupo I: Argumentação híbrida	41
Relatar para argumentar?	42
Instruir para argumentar?	47
2.4.4. Grupo II: argumentação incompetente	53
Argumentação ingênua/exagerada – definições	56
Referência ao painel de leitura	60
Repetição não-funcional / Ausência de progressão textual	62
CAPÍTULO III	
(In)Competência?	64
3.1. O avaliado	65
3.2. O avaliador	68
CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
REFERÊNCIAS	72
ANEXOS	
1. Anexo I	77
Grupo I:	
Argumentação ou instrução?	77
2. Anexo II	84
Grupo II:	
Argumentação ingênua/exagerada – definições	84
Referência ao painel de leitura	87

RESUMO

PEREIRA, LUCIENE PAULA MACHADO. (2009). **Redação do Enem: uma análise da (in)competência textual**. Campo Grande: UFMS. (Dissertação de Mestrado).

A pesquisa se constitui na análise de redações do Enem – Exame Nacional do Ensino Médio – edição 2006, considerando-se os textos que demonstram um baixo grau de eficiência no que tange à argumentação e estruturação. O objetivo consiste na verificação dos elementos que denotam essa dificuldade em construir uma unidade de texto pertinente dentro da proposta apresentada. Partimos do pressuposto de que o Enem é um exame assente com os postulados dos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio – PCNEM – e está baseado na aferição de competências/habilidades a serem demonstradas pelos egressos/concluintes desse nível de ensino. A baixa média nacional observada na prova de redação nas edições do exame até então realizadas indica, de forma geral, o despreparo dos estudantes brasileiros em atuarem eficazmente como produtores de texto argumentativo escrito em uma situação formal de comunicação. No decorrer do processo de análise o *corpus* foi dividido em dois grupos, correspondentes aos fatos observados: o primeiro grupo apresenta uma análise embasada nas sequências textuais predominantes para a construção da argumentatividade – a narração e a injunção; e o segundo grupo traz considerações sobre a organização/estrutura argumentativa a partir do estudo sobre a referenciação e seus processos. Apoiando-se nos postulados teóricos da Linguística Textual e do Interacionismo Sociodiscursivo, fica evidenciado que, em relação ao primeiro grupo, há uma inversão no jogo de imagens estabelecido na relação enunciador/agente-produtor do texto e enunciatário/avaliador. E, em linhas gerais, a incompetência comprovada nesse contexto sociocomunicativo específico acarreta na constituição de textos ineficientes, cuja estrutura argumentativa não corresponde ao esperado em uma prova destinada a concluintes/egressos do Ensino Médio.

Palavras-chave: Enem, texto dissertativo-argumentativo, sequência textual, competência textual.

ABSTRACT

PEREIRA, Luciene Paula Machado. (2009). **Redaction of ENEM: an analysis of the textual (un)competence**. Campo Grande: UFMS. (Dissertation for Master degree).

This research is the analysis of the redaction of the ENEM – Official Test of the National High School - 2006 edition, considering the texts that show a low degree of efficiency with regard to the argument and structure. The objective is the evaluation of the elements that denote the difficulty of building a unit of relevant text within the presented proposal. Assuming that the ENEM is an examination based with the postulates of the PCNEM - and is based on the measurement of competencies/skills to be demonstrated by graduated students of that educational level. The low national average observed in the test of writing in the editions of the test conducted so far indicates, in general, the lack of Brazilian students to work effectively as producers of argumentative text written in situation of a formal communication. During the process of examining the body was divided into two groups, corresponding to the observed facts: the first group presents a textual analysis based on predominant textual sequences for the construction of the argumentative conscience - the narration and the order - and the second group brings considerations about the organization/argumentative structure from the study of the referral and their processes. To perform the analysis is based on theoretical postulates of Textual Linguistic and Social-discursive Interactionism. Basing on the theoretical postulates of Linguistics and Textual Social-discursive Interacionism it is clear that for first group there is an inversion in the images game on the relation enunciator/agent-producer of the text and enunciatee/evaluator. In general the incompetence demonstrated in this specific social-communicative context provokes a formation of inefficient texts whose argumentative structure does not match expected in a test destined at the graduated students in the High School.

Keywords: Enem, argumentative dissertation, textual sequence, textual competence.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O trabalho com texto é um caminho inevitável para quem tem a pretensão de formar-se professor de língua materna. Nos últimos anos – e mesmo nas duas últimas décadas, pelo menos – o texto tornou-se o protagonista do trabalho em sala de aula, princípio e fim de um processo que tenta dar ao fazer pedagógico uma dimensão prática de aplicabilidade na vida diária, quando o “estudante” se transforma em “cidadão” pleno. E a atual formação do profissional de Letras fortalece essa tendência que reflete a necessidade, embasada nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN – tanto do Ensino Fundamental quanto do Ensino Médio, de saber produzir e interpretar textos, nos seus mais variados gêneros, o que é uma constante do ensino atual.

Como professora de Língua Portuguesa do Ensino Médio, e já tendo trabalhado redação em curso preparatório para o vestibular, formar indivíduos competentes textualmente é o objetivo principal de meu trabalho. A experiência profissional trouxe-me a constatação de que os estudantes, de modo geral, quando egressos do Ensino Médio não correspondiam ao que deles se esperava e mesmo quando ainda estão no processo escolar, não apresentam o conjunto de conhecimentos/habilidades necessário a uma satisfatória competência comunicativa. Essa não-competência é confirmada nacionalmente, através de índices de diversificados exames – neles incluindo-se o Exame Nacional do Ensino Médio, Enem, – realizados com o intuito de avaliar ora os alunos, ora as instituições e seus profissionais, ora o próprio ensino. Considerando-se o Enem como uma prova assente com os postulados contidos nos PCN/PCNEM, a baixa média nacional verificada nos exames, desde sua criação em 1998, é um forte indicativo do despreparo dos estudantes em interpretar e produzir textos argumentativos. Na edição analisada neste trabalho, Enem 2006, a média geral da prova de redação ficou em 52,08, segundo dados do Inep.¹

¹ Informação disponível no endereço http://www.inep.gov.br/imprensa/noticias/enem/news07_02.htm, acessado em junho de 2007.

Primordial para os que trabalham com e para o ensino é entender as causas da ineficiência/incapacidade desses indivíduos em utilizar eficazmente os mecanismos textuais compatíveis com o nível de escolaridade básica do qual são egressos; falta de eficiência que impossibilita que essas pessoas se mostrem hábeis no trato com a linguagem verbal escrita, o que diminui sua autonomia enquanto cidadãos em uma sociedade letrada.

Dessa forma, este trabalho se constitui a partir do objetivo maior de identificar os mecanismos denotadores da incompetência textual dos participantes do Enem no que se refere à adequação à proposta de redação, relacionando esses mecanismos aos elementos estruturadores do texto (que lhe conferem a textualidade), e à ineficiência da argumentação no que diz respeito à estruturação/configuração textual – genérica e tipológica – tendo em vista a situação de produção (as exigências da proposta do exame).

Essa grande dificuldade mostrada pelos estudantes brasileiros em produzir textos argumentativos satisfatórios parece se relacionar com dois aspectos, que configuram nossa hipótese de trabalho: a ausência de argumentos, que faz com que o produtor do texto recorra, muitas vezes, a *estratégias de preenchimento* desprovidas de pertinência dentro da proposta apresentada; e a dificuldade de criar uma unidade textual coesa e que mostre progressão. Esses fatores revelam sujeitos *incompetentes* – tomando-se o termo segundo a concepção de competência que constitui o método avaliativo do próprio Enem – ao se relacionar com a linguagem verbal escrita de modo geral, evidenciando as lacunas na formação do indivíduo.

As escolhas teóricas feitas refletem um caminho acadêmico pautado pelo interesse nos estudos linguísticos. Num primeiro momento, registrado no projeto apresentado ao Programa de Mestrado logo no início das atividades como aluna regular, tinha como propósito relacionar a Linguística Funcional – conforme as concepções de Michael Halliday – à análise dos textos a ser realizada, partindo sempre do pressuposto de que o funcionalismo linguístico serve de base aos conceitos de língua/linguagem contidos nos Parâmetros Curriculares Nacionais. Mas não concebia de forma clara e objetiva como proceder com essa análise nos textos

empíricos, objeto da pesquisa. A partir da leitura da obra de Bronckart², tive acesso aos postulados do Interacionismo Sociodiscursivo e, então, visualizei uma forma de desenvolver a análise, começando pelo contexto de produção das redações para seguir com a abordagem dos textos, que tiveram a ineficiência estrutural e argumentativa observada a partir dos postulados teóricos da Linguística Textual, segundo os quais o texto é tomado como objeto em uma perspectiva discursiva e analisado em sua dimensão transfrástica, ou seja, é concebido como um todo de sentido em suas relações entre as unidades transfrásticas, unidades superiores à frase.

O desenvolvimento da Linguística Textual (doravante LT), no começo da década de 1960 na Europa, mostra as diferentes concepções de linguagem, língua e texto estabelecidas a partir de então. Solidificados numa vasta teorização, os princípios de análise da LT possibilitam a apreensão do texto num nível micro, macro e superestrutural, desde as proposições, as unidades semânticas de base, até a consideração dos gêneros textuais. Caracterizando-se pelo objeto de investigação – o texto –, esse campo dos estudos linguísticos se institui como “o estudo das operações linguísticas e cognitivas reguladoras e controladoras da produção, construção, funcionamento e recepção de textos escritos ou orais” (MARCUSCHI, apud KOCH, 2005a: 10). E conforme a consideração que se tinha do objeto texto, diferentes fases marcaram o desenvolvimento da LT.

Tendo como consenso a consideração do texto como uma unidade linguística hierarquicamente mais elevada, em um primeiro momento, até a década de 1970, a LT desenvolveu uma análise interfrástica, vendo o texto como uma sequência organizada de frases, transferindo-se a análise do nível da frase para um conjunto delas. Nessa primeira fase desenvolveram-se estudos para a consolidação de gramáticas de textos, com o objetivo de delimitar e diferenciar as várias espécies de texto, além de definir os princípios de textualidade. Já no final da década de 1970, o texto passa a ser concebido em uma perspectiva pragmática, considerando-se agora o seu funcionamento comunicativo. É a partir da década de 1980 que o texto passa a ser

² BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos: Por um interacionismo sócio-discursivo*. São Paulo: Educ, 2003.

considerado sob uma perspectiva cognitivista, como resultado de processos mentais. Além dessa etapa, há, atualmente, a perspectiva sociocognitiva-interacionista, que ademais de considerar o texto como processo que mobiliza operações e processos cognitivos, o considera como lugar de interação entre atores sociais e de construção interacional de sentido (KOCH, 2006b). Essa evolução característica da LT possibilitou que hoje a noção de sentido/significado de um texto passasse a ser considerada como um processo dependente de vários fatores para se constituir, captáveis pela inteligência humana em sua relação na/pela linguagem.

Esses estudos, desenvolvidos primeiramente na Europa, tiveram a colaboração de diferentes teóricos, que seguiam/seguem linhas de pesquisa diversificadas: Robert de Beaugrande, Wolfgang Dressler, Harald Weinrich, Teun Van Dijk, Jean-Michel Adam, entre outros. No Brasil, a LT está consolidada como teoria de pesquisa na obra, entre outros, de Ingedore Koch, Luiz Antonio Marcuschi, Leonor Lopes Fávero, Luiz Carlos Travaglia.

Uma preocupação dos pesquisadores foi codificar os elementos que possibilitam que um texto seja tomado como tal, os elementos de textualidade, e atualmente as mais recentes pesquisas voltam-se para a questão da tipologia textual, englobando gêneros e esquemas, como atestam os estudos do linguista suíço Jean-Michel Adam.

Os princípios teóricos da Linguística Textual constituirão a base metodológica de análise dos textos selecionados, concebidos como discurso por serem vistos como possuidores de uma relação complementar entre sua estrutura interna e suas condições de produção.

A constituição do *corpus* foi guiada pelo objetivo e pela hipótese de trabalho, ou seja, foram escolhidos textos que demonstrassem uma ineficiência no contexto de avaliação em que foram produzidos, selecionados a partir da minha experiência como professora, já que não tive acesso às notas oficiais.

Os textos foram conseguidos após insistentes contatos com o Inep – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – através de

telefonemas e fax para a devida comprovação do vínculo institucional da pesquisa. Após algum tempo desse primeiro contato (cerca de três meses), foi enviado à UFMS dois cds/dvds com milhares de redações do Enem edição 2006, com apresentação dos arquivos em formato de imagem escaneada. Escolhi um cd para iniciar o processo de seleção e, sempre considerando o caráter qualitativo da análise, de um total de aproximadamente 600 redações lidas, foram selecionados, num primeiro momento, 340 textos que posteriormente foram organizados em dois grupos, com uma média de 100 redações cada. No segundo capítulo apresento ambos os grupos, em uma divisão que refletiu o que foi encontrado no decorrer desse processo de seleção: um grupo – Grupo II – corroborou o objetivo inicial de se analisar a estrutura argumentativa e o outro – Grupo I –, de forma surpreendente, registrou textos que constroem sua argumentatividade a partir de sequências narrativas e, principalmente, injuntivas.

O Grupo I, subdividido em dois tópicos (“Relatar para argumentar?” / “Instruir para argumentar?”) é composto por 30 textos organizados em dois conjuntos, de acordo com os subtópicos abordados; desse total, 19 textos, pertencentes ao segundo subtópico, se apresentam em anexo (Anexo 1). Já o Grupo II apresenta um total de 20 textos, que também são organizados conforme a abordagem feita, uma vez que este grupo se divide em três subtópicos (“Argumentação ingênua/exagerada – definições”; “Referência ao painel de leitura” e “Repetição não funcional / ausência de progressão”); desses textos, 15 se apresentam em anexo (Anexo II). Os textos constituintes desse segundo grupo foram analisados tendo como parâmetro os postulados dos estudos sobre referenciação. Todos os textos são apresentados em quadros com sua respectiva legenda de numeração, reproduzindo fielmente suas versões originais no que tange à ortografia, pontuação, concordância, etc.

A organização deste trabalho de pesquisa se erige sobre a apresentação de três capítulos: no primeiro trazemos breves considerações sobre o Enem, para situar o leitor; no segundo capítulo apresentamos a análise em conjunto com as considerações teóricas pertinentes e, por fim, em um terceiro capítulo, são feitas considerações acerca da concepção de competência e incompetência a partir do trabalho de análise realizado.

Nas páginas que seguem, mostramos o registro de nossa análise, que justamente por reconhecer-se fruto de um trabalho no qual o “eu” que escreveu estava constantemente acompanhado por outros “eus” – seja por intermédio do papel, através dos livros, ou do contato presencial, através de conversas –, mostra-se no plural.

CAPÍTULO 1

O ENEM EM CONTEXTO

O Exame Nacional do Ensino Médio – Enem –, sob responsabilidade do Inep – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, foi instituído pelo Governo Federal através do MEC – Ministério da Educação, em 1998, como uma forma de cumprimento da determinação imposta pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB – de avaliar periodicamente o rendimento escolar para contribuir com sua melhoria. Desde sua primeira edição, o Enem se caracterizou como uma prova assente com os postulados dos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio – PCNEM – além de se definir como uma autoavaliação, pois mais do que fornecer dados institucionais, se propõe a avaliar o desempenho individual de cada participante, aferindo *o desenvolvimento de competências fundamentais ao exercício pleno da cidadania* (ENEM, 2000: 01).

Segundo dados extraídos da Revista do Enem, de 2006, nas oito primeiras edições, o número de inscrições cresceu quase 2000%, dado que comprova a grande aceitação do Exame em todo o Brasil. Muito dessa aceitação se deve ao fato de que o Enem, no decorrer de suas edições, foi sendo paulatinamente “aproveitado” por diversas Instituições de Ensino Superior como uma opção de nota no processo seletivo, e mesmo como item importante a ser analisado no currículo para o ingresso no mercado de trabalho, uma vez que há empresas que consideram como critério de seleção o desempenho obtido na prova. Para reforçar esse quadro de aceitação, em 2004 o Governo Federal criou o Prouni – Programa Universidade para Todos – que concede bolsas parciais e integrais a estudantes de baixa renda como estímulo para ingressarem na Universidade, tendo como quesito fundamental para a participação no Programa a nota obtida no Enem.³

Dessa forma, através de estímulos governamentais por um lado, e de sua hoje reconhecida organização estrutural de outro, o Enem tornou-se, considerando-se

³ A partir de 2009, inicia-se o projeto de substituir o atual vestibular pela prova única do Enem. Mais extenso e com tempo para a realização da prova maior, o Exame Nacional do Ensino Médio é o principal elemento para a unificação do processo seletivo de ingresso em uma Universidade Pública no país.

o seu caráter voluntário, uma prova quase obrigatória para os concluintes do Ensino Médio e para todos que pretendem prosseguir os estudos através de um curso de graduação, em todas as regiões do Brasil.

O Enem se institui como um novo conceito de avaliação na medida em que trabalha os postulados teóricos do processo de ensino-aprendizagem contidos nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN –, diferenciando-se do modelo tradicional de prova baseado apenas na aferição de regras, do conteúdo “memorizado”. O Exame, justamente por ser norteado por novos princípios, baseia-se na noção de competências e habilidades a serem verificadas de acordo com o término da escolaridade básica. É estruturado a partir de uma matriz de competências que pressupõe colaboração, complementaridade e integração entre os conteúdos das diversas áreas do conhecimento presentes nas propostas curriculares das escolas de Ensino Fundamental e Médio. Dessa forma, a noção de conhecimento é trabalhada como um contínuo em que é necessário o estabelecimento de relações de múltipla natureza, individuais e sociais (ENEM, 2000: 04).

Segundo o *Documento Básico 2000*, texto norteador dos pressupostos e metodologias do Enem e que serve como referência para nossas considerações:

Competências são as modalidades estruturais da inteligência, ou melhor, ações e operações que utilizamos para estabelecer relações com e entre objetos, situações, fenômenos e pessoas que desejamos conhecer. As *habilidades* decorrem das competências adquiridas e referem-se ao plano imediato do “saber fazer”. Por meio das ações e operações, as habilidades aperfeiçoam-se e articulam-se, possibilitando nova reorganização das competências. (ENEM, 2000: 05)

Esse eixo norteador baseado na noção de competências e habilidades reflete a concepção de linguagem contida nos PCNEM, conforme já especificado anteriormente. A linguagem é considerada como

[...] a capacidade humana de articular significados coletivos e compartilhá-los, em sistemas arbitrários de representação, que variam de acordo com as necessidades e experiências da vida em sociedade. A principal razão de qualquer ato de linguagem é a produção de sentido. (PCNEM, 1999: 125)

Sendo assim, a aquisição do conhecimento se manifesta no desenvolvimento da competência primeira de relacionar os diferentes significados postos pelos diferentes sistemas simbólicos à utilidade do dia-a-dia, na capacidade de interagir com o mundo eficientemente.

A aproximação do Exame Nacional do Ensino Médio com as mais modernas tendências educacionais traz uma concepção de língua/linguagem como fator relacional, lugar de interação sujeito – mundo. Esse enfoque corrobora uma visão funcional/discursiva do campo linguístico, na medida em que a língua, cujo domínio deve manifestar-se no texto escrito produzido a partir das orientações prévias contidas no painel de leitura da prova, é concebida em sua significação a partir do contexto social em que se realiza. O fator de interação, bem como a competência relacional, são instituídos na e pela língua(gem).

Do conhecimento das linguagens articuladas e construídas nas relações sociais, como a fala e a escrita, com suas inúmeras manifestações, até aquele da linguagem atualizada individualmente, em cada momento da vida, todas as linguagens revelam referenciais de troca e interação (...). Na sociedade, tudo está interligado a tudo. O homem é um texto, formado e formador de textos. E o texto só existe no social e para o social. (ENEM, 2006a: 58)

Para a atual concepção de uma educação que se queira qualitativa, é necessário fazer com que o educando aprenda a aprender, isto é, que diante de um dado, uma situação ou mesmo um referente novo e/ou diverso daquele dominado pelo indivíduo, este seja capaz de retirar do contexto os parâmetros e indicadores que o faça entender a realidade/problema dado. No caso específico da produção escrita, o educando deve ser munido de diferentes habilidades e capacidades (competências/conhecimentos) que (re)signifiquem a realidade a partir de elementos contextuais.

Dessa forma, o saber-fazer em redação – o que nos remete à esfera da produção escrita – traz em seu bojo as competências comunicacionais aliadas a

uma competência relacional.⁴ Assim, instaura-se como meta da atividade educativa e, mais especificamente, critério de avaliação da redação, que o aluno seja capaz de identificar, relacionar e analisar dados e informações pertinentes a um contexto específico e a partir da interação entre sua experiência e os novos dados ser capaz de apresentar, por escrito, reflexões que decorrem diretamente de um processo de construção, de seleção de argumentos pertinentes à proposta apresentada.

A Matriz de competências adotada pelo Enem se estrutura sobre 5 competências básicas e 21 habilidades que se pressupõe devam fazer parte do repertório de um indivíduo/cidadão após doze anos, no mínimo, de escolaridade formal. Interessante ressaltar que a linguagem, materializada na competência de ler, compreender, interpretar e produzir textos, é tida como uma arquicompetência, uma vez que essas competências se desenvolvem – ou devem se desenvolver – em todas as áreas e disciplinas que estruturam as atividades pedagógicas na escola, e não apenas no trabalho específico do componente curricular Língua Portuguesa (ENEM, 2006a: 59). Percebe-se como no quadro-referência das competências avaliáveis, a presença das linguagens e códigos é uma constante:

- I. Dominar a norma culta da Língua Portuguesa e fazer uso das linguagens matemática, artística e científica.
- II. Construir e aplicar conceitos das várias áreas do conhecimento para a compreensão de fenômenos naturais, de processos histórico-geográficos, da produção tecnológica e das manifestações artísticas.
- III. Selecionar, organizar, relacionar, interpretar dados e informações representados de diferentes formas, para tomar decisões e enfrentar situações-problema.
- IV. Relacionar informações, representadas em diferentes formas, e conhecimentos disponíveis em situações concretas, para construir argumentação consistente.
- V. Recorrer aos conhecimentos desenvolvidos na escola para elaboração de propostas de intervenção solidária na realidade, respeitando os valores humanos e considerando a diversidade sociocultural.

⁴ A competência relacional é aqui entendida como o ato de ser capaz de promover interações intra e interelementos e/ou de promover um uso flexível, interativo, entre os fatores interiorizados e os exteriorizados circunscritos a um determinado contexto.

A capacidade de ler e interpretar, relacionar informações manifestas nas mais diferentes linguagens é uma exigência do mundo contemporâneo e, conseqüentemente, quesito fundamental em uma avaliação condizente com essas exigências e amparada pelas mais recentes teorias acerca do processo de ensino-aprendizagem.

– A redação do Enem

A redação do Enem, desde sua primeira edição, em 1998, estrutura-se na exigência de um *texto dissertativo* que apresente o ponto de vista e as propostas do candidato – conforme orientado no painel de leitura da prova –, configurando-se, assim, numa *dissertação-argumentativa*.

O modelo de redação do Enem segue uma linha tradicional de prova de redação por desconsiderar uma proposta baseada na produção de gêneros textuais, ou seja, que simulasse uma situação sociocomunicativa bem delimitada, para se centrar apenas na aferição da capacidade de elaboração/estruturação de um texto argumentativo, corroborando a utilização dos famosos *gêneros escolarizados* (narração, descrição, dissertação) como forma de produção textual. Esse modelo de prova reflete a imagem do avaliador Enem, que mesmo se erigindo nos novos conceitos que permeiam o processo educacional no país, se instaura como tradicional na medida em que, para dar a nota, segue um modelo de prova de produção de texto há muito utilizado.

É necessário considerar que o modelo de redação do Enem, caracterizado pelo foco na estrutura e exigindo – com maior ou menor intensidade de acordo com a temática abordada – a apresentação de soluções exequíveis para o tema/problema, foi repetido por algumas instituições de ensino superior do país, enquadrando-se também em um modelo de redação de vestibular.⁵ Seguindo essa linha e conforme tivemos

⁵ A UFMS, por exemplo, utilizou o modelo de redação do Enem em sua prova de redação do ano de 2000 até o vestibular de inverno de 2005. Em 2004, foram publicados dois livros, intitulados *Bicho de Sete Cabeças*, sob a organização das Professoras Dr. Gláucia Muniz Proença Lara, Maria Emília Borges Daniel e Rita de Cássia Pacheco Limberti, que analisaram redações nota dez nos vestibulares de verão e inverno da UFMS do ano de 2004.

oportunidade de abordar em outro trabalho⁶, a redação do Enem é considerada como um gênero textual por apresentar um contexto de produção específico e uma determinação sociocomunicativa, da mesma forma que o gênero redação de vestibular.

Já a predominância do tipo argumentativo é compreensível num exame que visa verificar a competência textual de indivíduos com nível de escolaridade média, uma vez que, num nível de ensino superior, é a dissertação – em sua forma expositiva e argumentativa – que constitui os textos de circulação acadêmica, configurados por uma abordagem predominantemente temática. Os textos temáticos explicam as coisas do mundo, ordenam-nas, classificam-nas, interpretam-nas, estabelecem relações e dependências entre elas, fazem comentários sobre suas prioridades. Enquanto os textos figurativos criam um efeito de realidade, porque trabalham com o concreto; os textos temáticos explicam, porque operam com aquilo que é apenas conceito. Os primeiros têm uma função representativa; os segundos, uma função interpretativa.⁷

No que concerne à redação, as cinco competências são as mesmas avaliadas na parte objetiva da prova, mas consideradas para uma situação específica de produção de texto. Abaixo, a relação dessas competências, tal como constam no já referido *Documento Básico* (ENEM, 2000: 10) norteador do Enem:

- I. Demonstrar domínio da norma culta da língua escrita.
- II. Compreender a proposta de redação e aplicar conceitos das várias áreas de conhecimento para desenvolver o tema, dentro dos limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo.
- III. Selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista.
- IV. Demonstrar conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação.
- V. Elaborar proposta de solução para o problema abordado, mostrando respeito aos valores humanos e considerando a diversidade sociocultural.

⁶ PEREIRA, Luciene Paula M. *Dissertação no vestibular: tipo que é gênero?*. In: Rabiscos de Primeira v. 6. Campo Grande: Editora da UFMS, 2006. pp. 107-109.

⁷ FIORIN, José Luiz; SAVOLI, Francisco Platão. *Lições de texto: leitura e redação*. São Paulo: Ática, 1998, p. 89.

Como na parte objetiva, cada uma das competências é avaliada numa escala de zero a cem pontos, sendo essa pontuação subdividida em quatro níveis. Interessa-nos, para as considerações que seguem no próximo capítulo, identificar que, dentro dessa escala, há a predominância de um nível aquém do desejável para concluintes/egressos do Ensino Médio, o que torna os textos, em sua grande maioria – como atestam os índices referentes às médias na prova de redação – ineficientes, e os seus produtores incompetentes textualmente, ou seja, os textos não correspondem à situação de comunicação – um contexto avaliativo – vivenciada.

Entender alguns fatores responsáveis por essa incompetência textual forma o registro concretizado no capítulo seguinte.

CAPÍTULO 2

AS REDAÇÕES EM ANÁLISE

Ao considerarmos a natureza cultural e social dos textos além de tomá-los como um artefato linguístico, estamos considerando-os como *gênero*. Apoiando-nos nos conceitos desenvolvidos pela Escola de Genebra⁸ acerca dos gêneros textuais, mais especificamente nos postulados desenvolvidos pelo Interacionismo Sociodiscursivo, cada redação é concebida como uma unidade comunicativa, sendo o texto considerado *uma unidade de produção de linguagem situada, acabada e autossuficiente* (BRONCKART, 2003: 75).

É importante frisar que cada texto, representado por cada redação lida e analisada, é tido como uma *conduta humana*, fruto de uma atividade instituída a partir de formações sociais, de uma *ação de linguagem*. Essa dimensão humana, reconhecida na ação de sujeitos que se propõem a realizar uma atividade com um determinado fim, orienta – e por que não, sensibiliza? – nossa visão enquanto profissionais da educação sobre a manifestação linguística de indivíduos/cidadãos. Adentrar o *mundo* desses indivíduos tal como os textos escritos por eles permitem, para tentar se entender o porquê esses textos não são eficientes no contexto em que se inserem, é o principal norte dessa pesquisa.

Embora se reconheça, na análise apresentada a seguir, um conjunto de fatores que atuam sobre todos os que participam de uma situação de avaliação, reconhece-se igualmente que cada texto deve ser visto como um exemplar único, carregado de características individuais, fruto de um processo que apesar de no contexto físico impor-se de maneira coletiva, suas coerções/delimitações são refletidas de forma individual.⁹ Segundo Bronckart (2003: 77),

⁸ A chamada Escola de Genebra tem sua gênese considerada a partir dos estudos desenvolvidos por Ferdinand de Saussure, cujo legado fundador teve continuidade nos trabalhos de Charles Bally e Albert Sechehaye, já na primeira metade do século XX. Atualmente, o grupo é constituído por respeitados estudiosos, como Jean-Paul Bronckart, Joaquim Dolz, Bernard Schneuwly e outros.

⁹ Importante é frisar que reconhecer cada texto em sua singularidade, como um exemplar empírico, não vai de encontro ao nosso objetivo de análise: caracterizar, *em um conjunto*, os fatores que assinalam uma inabilidade em produzir textos argumentativos escritos a partir de orientações prévias. Isso porque cada texto reflete um mundo sociossubjetivo que interfere em seu modo de organização.

[...] texto singular ou empírico designa uma unidade concreta de produção de linguagem, que pertence necessariamente a um gênero, composta de vários tipos de discurso, e que também apresenta os traços das decisões tomadas pelo produtor individual em função da sua situação de comunicação particular.

É a partir do conjunto formado por cada redação selecionada para constituir o *corpus* que serão feitas as considerações acerca da (in)competência textual dos estudantes brasileiros.¹⁰

– A redação do Enem como ação de linguagem

Em uma perspectiva sociointeracionista da linguagem, o texto é visto como produto de uma ação, uma ação de linguagem constitutiva de uma atividade, inscrita num processo interacional. É nesse processo de interação, na realização de uma atividade social, que é atribuído ao conjunto dos signos disponíveis na língua natural uma significação que, embora coletiva, é considerada individualmente por cada indivíduo falante ou produtor de seus discursos. Essa representação coletiva configurada nos conhecimentos sobre o meio é traduzida sob a forma dos mundos representados, através dos quais se constitui o modelo de análise para os textos materializados pela linguagem verbal.

A ação de linguagem humana, constitutiva do psiquismo humano e permeada pela interação social, produz seus produtos – os textos propriamente ditos – a partir da veiculação de representações coletivas do meio social estruturadas em configurações de conhecimento denominadas de *mundos representados* (BRONCKART, 2003). São esses mundos que configuram a atividade de linguagem materializada nos textos empíricos, na perspectiva sociointeracionista. Na consideração de um contexto sociocognitivo, no escopo da Linguística Textual, abordaremos esses mundos como representações esquemáticas de uma práxis discursiva instaurada a partir do discurso do enunciador (ou enunciatário, conforme o ponto de vista da abordagem) avaliador Enem, discurso este concretizado no painel de leitura da prova de redação.

¹⁰ Conforme especificado na Introdução (Considerações Iniciais), a seleção das redações foi guiada pelo objetivo e hipótese de trabalho.

2.1. O contexto de produção

Considerando-se a prova de redação do Enem como um evento no qual interagem os elementos constituintes do processo comunicativo através da língua(gem), o que é denominado contexto é o suporte de uma cena enunciativa estabelecida a partir da interação de indivíduos que se constituem discursivamente.

A noção de contexto passou por significativas mudanças no decorrer do desenvolvimento da Linguística Textual (LT). Inicialmente visto como intrínseco ao produto textual, ou seja, concebido como o co-texto, sua significação se estendeu à situação de interlocução, na incorporação dos interlocutores como realizadores de ações através da linguagem. Quando da ampliação do evento comunicativo em um processo no qual convergem fatores sociais e cognitivos intrínsecos à atuação dos interlocutores, o contexto passa a ser considerado em uma perspectiva sociocognitiva. Assim, o contexto passa a ser visto não apenas como o conjunto dos elementos internos – componentes linguísticos do texto – nem considerado apenas como a reunião dos fatores externos ao texto, mas concebido como a junção dos elementos sociais presentes em uma situação comunicativa e os fatores cognitivos necessários para que a interlocução se efetive entre os falantes como acontecimento significativo, tudo instituído na e pela linguagem. Segundo Koch (2006b: 24),

O contexto, da forma como é hoje entendido no interior da Linguística Textual abrange, portanto, não só o co-texto, como a situação de interação imediata, a situação mediata (entorno sociopolítico-cultural) e também o contexto sociocognitivo dos interlocutores que, na verdade, subsume os demais.

Por termos como *corpus* textos produzidos a partir de uma situação de avaliação, faz-se necessário especificarmos, inicialmente, o contexto de produção no qual eles se inserem, pelo fato da interferência que essa situação específica de produção acarreta. Inicialmente considerado em seu caráter de situação comunicativa, serão abordados os fatores decorrentes das condições sociais que interferem na construção do texto, visto aqui como produto dessa situação¹¹. Sem desconsiderarmos o fato de que essa perspectiva social é considerada como parte de uma cena

¹¹ Dentro dessa concepção de situação comunicativa está atrelado o uso significativo da linguagem através de um sujeito que se constitui em enunciador/agente-produtor a partir desse uso.

enunciativa que se constitui dentro de um mundo textual, ou seja, cuja existência está atrelada ao uso da língua/linguagem, a abordagem sociológica se justifica na perspectiva sociointeracionista adotada também como instrumento para a análise. Assim, o mundo objetivo, tratado como o contexto físico (a situação de comunicação) será apresentado/detalhado para a posterior apresentação dos mundos social e subjetivo nos quais se insere o produtor do texto, identificado a partir do seu papel temático de enunciador/agente-produtor de seu discurso.

Considerar o contexto de produção em relação aos fatores que agem sobre a organização do texto, é considerar que esses fatores são passíveis de demonstrar o mundo físico, social e subjetivo do produtor captável naquele momento.¹² Como já mencionado, inscritos primeiramente em um nível sociológico, por refletir a atividade comunicativa realizada pelos indivíduos em um processo de interação social, considera-se os três mundos representados: físico, social e subjetivo, conforme segue o quadro explicativo abaixo, adaptado de Cristóvão e Nascimento (2006: 40):

¹² BRONCKART, pp. 93-4. Todas as referências relacionadas a esse autor foram extraídas da mesma obra, de 2003.

NÍVEL SOCIOLÓGICO
→ OPERAÇÕES DE CONTEXTUALIZAÇÃO INCIDINDO SOBRE OS PARÂMETROS CONTEXTUAIS (FÍSICOS E SOCIOSSUBJETIVOS) ➤ MUNDO OBJETIVO (REFERE-SE AO ATO MATERIAL DE ENUNCIAÇÃO): • o emissor • o receptor • o lugar de produção • o momento de produção (a extensão do tempo) ➤ MUNDO SOCIAL (REFERE-SE À INTERAÇÃO SOCIAL EM CURSO): • a posição social do emissor (enunciador) • a posição social do receptor (enunciatário) • o lugar/formação social do processo de interação ➤ MUNDO SUBJETIVO (APREENSÃO PSICOLÓGICA) • imagem que o emissor tem de si e do destinatário ao agir.

Quadro 1 – NÍVEL SOCIOLÓGICO

Assim, em relação ao contexto físico, característico do mundo objetivo, consideramos o lugar e o momento de produção em que o emissor produz sua mensagem. Se levarmos em conta o texto no quadro de uma formação social, como unidade de interação comunicativa, ou seja, considerando o mundo social e subjetivo do produtor, apreenderemos o lugar social no qual esse produtor se insere como indivíduo através do uso da linguagem (verbal), atribuindo-lhe o status de enunciador.

Por ter uma abrangência nacional, o contexto físico da situação de prova do Enem apresenta o lugar e o momento de produção instituídos e delimitados rigidamente: o primeiro por um local específico, uma unidade escolar com diversas salas nas quais os candidatos são dispostos por organização alfabética do nome; o segundo caracterizado pela delimitação temporal, já que a prova objetiva e a prova de redação devem ser realizadas em um espaço de tempo de duas a cinco horas, sendo a ordem de execução não fixada.

O Exame Nacional do Ensino Médio, conforme visto no Capítulo I, não se institui como uma avaliação convencional, mas sim como uma oportunidade de o

estudante ou egresso desse nível de ensino se autoavaliar, posicionando-se criticamente em relação ao que a sociedade espera que ele saiba (supostamente aferido pelo Enem) e o que ele realmente possui como competências e habilidades adquiridas ao longo de sua vida estudantil. Apesar de ter esse conceito permeando a situação de prova, que apresenta o caráter da não obrigatoriedade, os candidatos do Enem participam do exame cientes de que seu desempenho será aferido através de uma nota representada por um gráfico e de que a partir dessa nota eles podem obter alguns benefícios como a aquisição de uma bolsa universitária cedida pelo governo ou mesmo ter o acesso ao curso de graduação “facilitado”.¹³ Assim, subjetivamente, o indivíduo sente a pressão, que talvez ele mesmo se coloque, de ter um desempenho satisfatório. Ou seja, o Enem tem todos os ingredientes de uma situação de avaliação convencional.

Dessa forma, os mundos social e subjetivo pelos quais o egresso do Ensino Médio que se propõe a realizar o exame se mostra deve ser considerado em relação a todas essas coerções. Como uma situação inscrita em um espaço social e, conseqüentemente, marcada pela interatividade, o lugar social dessa produção se apresenta bem delimitado no seio de uma prática de avaliação educacional do Ensino Médio, instituída pelo Governo Federal para verificar o nível de qualidade – medida em competências e habilidades a serem demonstradas – da formação dos estudantes brasileiros.

Por ser uma situação de avaliação, temos os papéis sociais do emissor e receptor bem delimitados nas figuras do estudante/egresso do Ensino Médio e do professor avaliador/corretor. O característico dessa relação é a posição hierárquica estabelecida e a necessidade, por parte do estudante/produtor, de reconhecê-la. Esse jogo de imagens é importante para o êxito do emissor, considerado em seu papel temático de enunciador, que precisa interpretar adequadamente a situação de comunicação na qual está inserido para adequar-se a ela, correspondendo, assim, à imagem esperada pelo Enem (incluindo-se todos os envolvidos: o MEC, o Inep, os professores corretores, a escola, os professores regentes da escola, os pais, etc.). É

¹³ Como já especificado no Capítulo I, atualmente há várias Instituições de Ensino Superior em todas as regiões do Brasil que aceitam o resultado do Enem como parte de seu processo avaliativo.

essa adequação que mostra, em parte, a capacidade do agente-produtor de instituir-se como competente em relação aos critérios preestabelecidos acerca da prova, como no que se refere ao padrão de língua exigido de acordo com o nível de formalidade da situação de comunicação (competência I) e à correta interpretação do tema e gênero/tipo de texto solicitados (competência II).

É essa falta de adequação ao contexto sociossubjetivo um dos fatores que prejudica o êxito do texto dentro dos parâmetros considerados.

2.2. Os critérios de análise

Um dos pontos que atestam a incompetência textual dos indivíduos que se submeteram ao Enem edição 2006 é a inadequação, não apenas temática, como nos casos de fuga ao tema, mas discursiva em relação à planificação textual e as estratégias linguísticas e discursivas adotadas.

Conforme vimos considerando, o texto tomado como uma unidade comunicativa é produto de um processo social, de uma atividade humana regulada e mediada por interações verbais, passível de ser apreendido em seu nível sociológico – por fazer parte de um processo de interação social – e psicológico – por ser também fruto da vontade e do psiquismo de um agente humano. A atividade social, delimitada em uma atividade de linguagem, deve ser considerada dentro de um campo de estudos mais abrangente, como a Sociologia e a Linguística propriamente dita, instituindo-se como uma realização coletiva, enquanto a ação derivada dessa atividade é considerada de um ponto de vista interno ou psicológico, produto construído por um agente individual. Daí o enquadramento dado às escolhas para a constituição do texto dentro de um nível psicológico. É essa ação regulada e mediada pela linguagem que constitui o *agir comunicativo* característico da atividade humana em seu meio social (BRONCKART, 32-33).

Considerando essa atividade desencadeadora de uma ação, interessa-nos verificar as operações de textualização tais como podem ser apreendidas através dos produtos materiais deixados a partir do trabalho mental/psicológico dos agentes-produtores das redações: os próprios textos. O quadro abaixo, também inspirado em

Cristóvão e Nascimento (2006: 40), especifica os itens teóricos observados em nosso procedimento de análise:

NÍVEL PSICOLÓGICO
→ OPERAÇÕES DE TEXTUALIZAÇÃO ➤ OPERAÇÕES DE PLANIFICAÇÃO/ADEQUAÇÃO A UM MODELO DE LINGUAGEM (GÊNERO TEXTUAL) EM FUNÇÃO DOS PARÂMETROS CONTEXTUAIS: • escolha dos tipos de sequências discursivas (sequências narrativas, descritivas, argumentativas, explicativas, injuntivas e outras formas de planificação); • seleção e elaboração dos conteúdos. ➤ OPERAÇÕES DE CONSTITUIÇÃO DE ESTRATÉGIAS LINGUÍSTICAS E DISCURSIVAS: • processos de referenciação (ativação ancorada) • seleção de argumentos

Quadro 2 – NÍVEL PSICOLÓGICO

A partir dessa contextualização, dividimos o *corpus* em dois grandes grupos: o Grupo I, cuja análise baseia-se nos tipos de sequências discursivas encontradas; e o Grupo II, que apresenta uma análise das redações a partir das estratégias linguísticas e discursivas utilizadas pelos produtores. Essa diferenciação explica-se pelo que encontramos como material de análise: das cerca de 300 redações selecionadas a princípio, percebemos uma grande quantidade de textos que apresentavam um modelo de estruturação textual diferente daquele que constitui uma sequência argumentativa, exigido pelo painel, sendo que nesses textos a argumentatividade era construída, principalmente, a partir da injunção. Essas redações constituem o denominado Grupo I. No Grupo II ficaram as redações que ratificavam o objetivo inicial da pesquisa: apresentavam uma estrutura pautada pela sequência argumentativa com uma constituição interna prejudicada por inadequações no nível micro e/ou macrotextual.

Antes de apresentarmos a análise dos textos, fazem-se necessárias algumas considerações acerca do painel de leitura da prova, abordadas no próximo item.

2.3. Sobre o que dizer? – o Painel de Leitura

Tratando-se de uma avaliação, o conteúdo temático ou referente que as redações devem abordar é previamente delimitado e explicitado no painel de leitura da prova.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Uma vez que nos tornamos leitores da palavra, invariavelmente estaremos lendo o mundo sob a influência dela, tenhamos consciência disso ou não. A partir de então, mundo e palavra permearão constantemente nossa leitura e inevitáveis serão as correlações, de modo intertextual, simbiótico, entre realidade e ficção.

Lemos porque a necessidade de desvendar caracteres, letras, números faz com que passemos a olhar, a questionar, a buscar decifrar o desconhecido. Antes mesmo de ler a palavra, já lemos o universo que nos permeia: um cartaz, uma imagem, um som, um olhar, um gesto.

São muitas as razões para a leitura. Cada leitor tem a sua maneira de perceber e de atribuir significado ao que lê.

Inajá Martins de Almeida. **O ato de ler.**
Internet: <www.amigosdolivro.com.br> (com adaptações).



Internet: <paineis.org>.

Minha mãe muito cedo me introduziu aos livros. Embora nos faltassem móveis e roupas, livros não poderiam faltar. E estava absolutamente certa. Entrei na universidade e tornei-me escritor. Posso garantir: todo escritor é, antes de tudo, um leitor.

Moacyr Scliar. **O poder das letras.** In: **TAM Magazine**, jul./2006, p. 70 (com adaptações).

Existem inúmeros universos coexistindo com o nosso, neste exato instante, e todos bem perto de nós. Eles são bidimensionais e, em geral, neles imperam o branco e o negro.

Estes universos bidimensionais que nos rodeiam guardam surpresas incríveis e inimagináveis! Viajamos instantaneamente aos mais remotos pontos da Terra ou do Universo; ficamos sabendo os segredos mais ocultos de vidas humanas e da natureza; atravessamos eras num piscar de olhos; conhecemos civilizações desaparecidas e outras que nunca foram vistas por olhos humanos.

Estou falando dos universos a que chamamos de livros. Por uns poucos reais podemos nos transportar a esses universos e sair deles muito mais ricos do que quando entramos.

Internet: <www.amigosdolivro.com.br> (com adaptações).

Considerando que os textos acima têm caráter apenas motivador, redija um texto dissertativo a respeito do seguinte tema:

O PODER DE TRANSFORMAÇÃO DA LEITURA.

Ao desenvolver o tema proposto, procure utilizar os conhecimentos adquiridos e as reflexões feitas ao longo de sua formação. Selecione, organize e relacione argumentos, fatos e opiniões para defender seu ponto de vista e suas propostas, sem ferir os direitos humanos.

Observações:

- Seu texto deve ser escrito na modalidade padrão da língua portuguesa.
- O texto **não** deve ser escrito em forma de poema (versos) ou narração.
- O texto deve ter, no mínimo, 15 (quinze) linhas escritas.
- A redação deve ser desenvolvida na folha própria e apresentada a tinta.
- O rascunho pode ser feito na última página deste Caderno.

ENEM 2006 PROVA 1 — AMARELA — PÁGINA 1 ENEM 2006

O painel de leitura constitui o elo entre o candidato (emissor/enunciador) e a banca corretora (receptor/enunciatário) e traz a principal orientação em relação ao tema, através dos excertos trazidos além da frase em destaque (“O PODER DE TRANSFORMAÇÃO DA LEITURA”), bem como a orientação para a estruturação do texto (“redija um texto dissertativo”). Sua inadequada leitura prejudica o êxito no processo avaliativo, evidenciando o despreparo do candidato e sua vã tentativa, muitas vezes configurada em uma clara *estratégia de preenchimento*, de construir o seu texto. Conforme já especificado nas Considerações Iniciais, as redações selecionadas não correspondem satisfatoriamente às competências e habilidades exigidas.¹⁴

– A temática

Segundo Bronckart (2003: 97), “ [...] o conteúdo temático ou referente de um texto pode ser definido como o conjunto das informações que nele são explicitamente apresentadas, ou seja, traduzidas no texto pelas unidades declarativas da língua natural utilizada”.

No contexto de produção de um texto em situação de exame, como no caso das redações do Enem, o conteúdo temático é rigidamente especificado no conjunto dos textos que compõem o painel de leitura. Tanto os textos da coletânea, que mostram *sobre o quê* dizer, quanto os instrucionais, que mostram o *como* dizer, orientam o futuro agente-produtor quanto aos conhecimentos prévios que devem ser ativados para a execução da atividade, da ação de linguagem.

De acordo com a perspectiva sociointeracionista, o tema – objeto que deve orientar essa ação de linguagem – pode constituir-se, para o agente-produtor, a partir dos três mundos formais que caracterizam o nível sociológico da atividade de produção, ora apresentando-se como um objeto do mundo físico, que exige uma abordagem mais objetiva; ora delimitando-se em uma temática social, caracterizando,

¹⁴ Como não tivemos acesso às notas referentes a cada redação, não pautamos a escolha dos textos segundo o critério de serem considerados ou desconsiderados de acordo com o processo avaliativo. Acreditamos que algumas redações pertencentes ao Grupo I possam ter sido desconsideradas por não respeitarem a competência II, ou seja, não realizaram o tipo textual proposto. Por nossa análise centrar-se em uma abordagem qualitativa, interessamo-nos em selecionar textos que corroborassem a hipótese de trabalho, conforme os objetivos propostos.

consequentemente, o mundo social no qual o indivíduo se insere; ou ainda configurando-se dentro do mundo subjetivo, o que possibilita uma abordagem mais diretamente vinculada ao repertório pessoal de vivência e valores desse agente-produtor. A subjetividade não é algo intrínseco ao tema apresentado, mas relacionada à maneira como o tema é apreendido e trabalhado pelo enunciador do texto. Durante a análise, será possível percebermos que uma excessiva abordagem subjetiva por parte dos enunciadores/agentes-produtores das redações acaba por destituir do seu dizer os indícios de autoria.

O Exame Nacional do Ensino Médio tem se caracterizado, em sua prova de redação, pela predominância de temas que se relacionam mais facilmente a uma abordagem social e subjetiva. Considerando-se as dez primeiras edições do Exame (de 1998 a 2007), em sete o referente para a elaboração do texto dissertativo-argumentativo enquadra-se em um contexto predominantemente social: “Cidadania e participação social” (1999), “Direitos da criança e do adolescente: como enfrentar esse desafio nacional?” (2000), “Desenvolvimento e preservação ambiental: como conciliar os interesses em conflito?” (2001), “O direito de votar: como fazer dessa conquista um meio para promover as transformações sociais de que o Brasil necessita?” (2002), “A violência na sociedade brasileira: como mudar as regras desse jogo?” (2003), “Como garantir a liberdade da informação e evitar abusos nos meios de comunicação?” (2004) e “O trabalho infantil na realidade brasileira” (2005). Esses temas se caracterizam pela problemática apresentada – muitas vezes de forma explícita, como no caso das edições em que o tema é condensado em forma de uma pergunta – que exige a apresentação de argumentos indicadores de uma possibilidade de resolução, o que nos remete claramente à competência V considerada como critério de avaliação. No conjunto das edições consideradas, apenas na primeira edição, de 1998, e nas de 2006 e 2007 é que apreendemos uma temática mais facilmente relacionada a uma abordagem subjetiva: “Viver e aprender”, “O poder de transformação da leitura” e “O desafio de se conviver com a diferença”, respectivamente.

Esses diferentes tipos de objetos apresentados no contínuo das edições do Enem caracterizam as temáticas abordadas em vestibulares e afins e, consequentemente, trabalhados nas salas de aula do Ensino Médio e nos cursos

preparatórios para o vestibular. Há a predominância de assuntos sociais que podem ter uma abordagem pragmática, naturalmente inclinada para o uso de dados concretos, e uma abordagem mais subjetiva, facilmente relacionada a aspectos pessoais dentro do repertório cultural de cada um.

Segundo o *Documento Básico*, o texto dissertativo-argumentativo deve ser realizado a partir da proposta de um tema de ordem social, científica, cultural ou política (ENEM, 2000: 09). O painel de leitura apresentado, edição Enem 2006, enquadra-se numa temática que pode ser facilmente atrelada ao mundo subjetivo daquele que se constituirá em produtor/emissor de uma mensagem baseada, de forma mais ou menos explícita, em suas vivências/trajetórias/reflexões de leitor – ou não leitor.

Base de orientação para que o agente-produtor realize sua ação de linguagem, o painel é o que instaura a situação que rege a atividade social/atividade de linguagem vivenciada por quem, após preencher um espaço de linhas delimitado, deverá instaurar-se como enunciador de sua mensagem.

O referente assim constituído orienta a argumentação e, conforme veremos no decorrer da análise das redações do Grupo I, parece instituí-la a partir de um exagero ou de uma inversão de imagens entre enunciador e enunciatário apreensíveis no e pelo objeto discursivo.

2.4. A análise

Conforme já considerado, a *situação* – concretizada nas orientações e na coletânea expressas pelo painel de leitura da prova de redação – *serve de base de orientação para a ação de linguagem e vai ter influência decisiva sobre a forma e sobre os conteúdos textuais*, marcando os elementos do contexto de produção, já referidos anteriormente (MACHADO, 2005: 252-3). E ao mesmo tempo em que esse agente-produtor se enquadra ao contexto,

[...] ele deve necessariamente mobilizar o conjunto de seus conhecimentos sobre os gêneros textuais, o que contribui para a definição da situação, além de ter de adaptá-lo a um destinatário, a um conteúdo, a um objetivo determinado em uma situação particular.

Ao abordarmos cada texto selecionado e apresentado para análise, todos esses elementos constituintes serão considerados para aferirmos o seu fracasso – sempre dentro da situação imposta – enquanto uma *unidade de linguagem*, pois “é a partir dessa base de orientação que o agente-produtor toma decisões para a escolha do gênero disponível na intertextualidade, o que pressupõe diversas capacidades da parte do agente: adaptar-se às características do contexto e do referente (capacidades de ação), mobilizar modelos discursivos (capacidades discursivas) e dominar as operações psicolinguísticas e as unidades linguísticas (capacidades linguístico-discursivas)” (DOLZ & SCHNEUWLY apud CRISTÓVÃO & NASCIMENTO, 2006: 43.). Essas capacidades serão abordadas conforme os critérios que nos guiarão (expostos no Quadro 2, localizado à página 30).

Começamos pelo Grupo I, dando foco às operações de planificação e às escolhas dos tipos de sequência. Antes, torna-se necessário abordar o conceito de estruturação textual, bem como o de sequência, segundo a linha teórica que estamos seguindo, ademais de especificar as classificações que as sequências assumem.

2.4.1. A pragmática textual

O texto, como objeto de análise da Linguística Textual (LT), teve diferentes abordagens no decorrer das décadas de solidificação da teoria. De *frase complexa a lugar de interação* entre atores sociais, esse ramo da Linguística foi se desenvolvendo gradativamente, ampliando as possibilidades de análise (KOCH, 2006b).

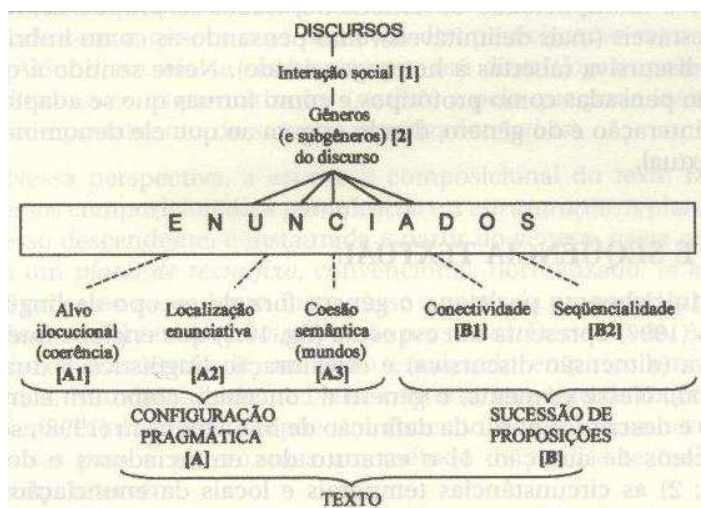
A consideração do objeto texto como uma estrutura relacionada à dimensão pragmática e cognitiva que a engendra abre espaço para uma *pragmática textual*, da maneira como o linguista suíço Jean-Michel Adam a instaura. Isso nos leva a considerar que

[...] a textualização não pode advir de um puro algoritmo gramatical: ela deve ser considerada como o resultado de um processo que responde aos dados e às instruções relevantes da comunicação e da cognição. (PAVEAU & SARFATI, 2006: 201)

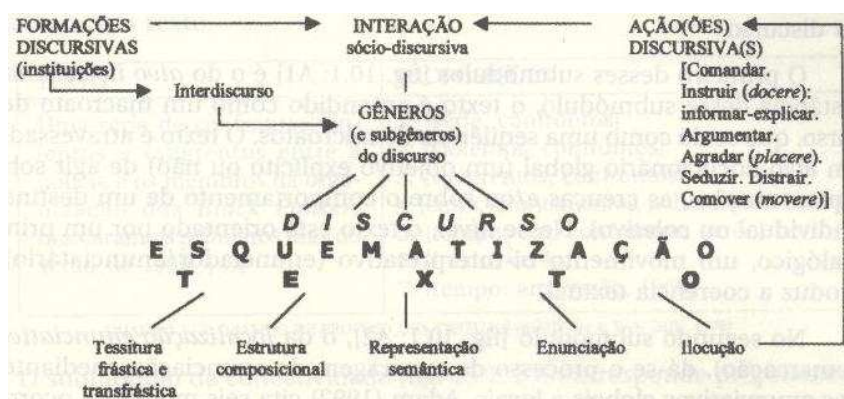
Esse postulado vai ao encontro da aceitação de nosso objeto como fruto – constituidor e constituinte – de uma ação de linguagem que é satisfatoriamente realizada a partir da mobilização de capacidades relacionadas ao contexto, às estruturas discursivas e aos meios de realizá-las através do uso da língua.

Jean-Michel Adam, na estruturação de sua pragmática textual, aproxima a LT da Análise do Discurso francesa por tomar o texto *como um objeto circundado e determinado pelo discurso* (BONINI, 2005: 208). Dessa forma, a dimensão discursiva, lugar dos gêneros – e, conseqüentemente, da interação social – é considerada em relação a uma dimensão textual, cuja análise deve constituir-se como objetivo primeiro da LT.

Diferente do termo discurso, entendido como unidade semântica, de uso da linguagem no processo interacional, o texto é concebido como objeto abstrato, unidade passível de análise pelos meios metodológicos disponíveis na LT. Visto dessa maneira, concebido como uma *esquematização* que engloba interação sociodiscursiva e estruturação linguístico-textual, o texto é analisado a partir de sua relação com o mundo externo (numa configuração pragmática) e de sua organização interna (numa sequência de proposições).



Quadro 3: AS BASES DA TIPOLOGIZAÇÃO NO QUADRO DA LT (BONINI, 2005: 213)



Quadro 4: ESQUEMA DO FUNCIONAMENTO DISCURSIVO (BONINI, 2005: 215)

Ao pensarmos na estruturação do texto, o fazemos a partir da codificação teórica estabelecida por Jean-Michel Adam, que concebe essa estruturação com a noção de *protótipo* ou *sequência textual*. A sequência é vista como um conjunto de proposições psicológicas que se estabilizaram como recurso composicional dos vários gêneros, ou seja, é um mecanismo de textualização com certo grau de estabilidade, capaz de possibilitar o enquadramento dos gêneros textuais em grupos, como gêneros narrativos, gêneros argumentativos, etc.¹⁵

Assim, a estruturação do texto é concebida a partir da sucessão de proposições que o constituem. As proposições são *unidades de conteúdo que mapeiam as relações significativas postas em um texto* (2005: 217), ou seja, concretizam a exposição do conteúdo temático trabalhado. São as proposições que constituem as macroproposições, responsáveis pela organização/estruturação da sequência. A sequência é, então, concebida como um conjunto hierarquicamente organizado de macroproposições e mesmo sendo um recurso cognitivo (estrutura-se a partir de esquemas cognitivos), é determinada pelas condições externas do discurso, ou seja, é atualizada no texto mediante as exigências pragmáticas de enunciado (há correspondência com o gênero textual). É essa rede de relações que constitui a pragmática textual concebida por Adam:

¹⁵ (BONINI, 2005: 208). A partir da próxima nota, por serem baseadas no mesmo artigo de Adair Bonini, especificaremos apenas o número da página citada ou referida, para não nos tornarmos repetitivos.

A proposição, então, está em relação pragmática de dependência com uma sequência textual. A sequência textual, por sua vez, está em relação pragmática com o gênero (enunciado). Neste sentido é que Adam concebe uma pragmática textual, pois as marcas formais (gramática textual) interagem com uma exterioridade (condições da enunciação). (2005: 218)

A sucessão de proposições, em seu eixo da conectividade e da sequencialidade, forma a composição do texto que se articula ao eixo da configuração pragmática para constituir a unidade textual como um todo. Assim, conforme explicitado, a noção de texto, a partir da pragmática textual de Adam, é concebida na junção de sua estrutura formal com a configuração pragmática que o engendra. A configuração pragmática responde pelo alcance comunicativo, enunciativo e semântico do texto, enquanto que à sucessão de proposições cabe a estruturação formal. Na análise dos textos que segue, na constatação da sequência narrativa e injuntiva como base para se construir a argumentatividade, faz-se necessário relacionar como se constitui a configuração pragmática no/do texto para que possamos compreender as escolhas no eixo da sequencialidade.

– A noção de sequência textual

As sequências são classificadas conforme suas características intrínsecas, consideradas a partir dos objetivos da ação de linguagem desencadeada pelo agente-produtor do texto. Assim, para Adam, são as práticas sociais de linguagem que justificam a existência dos tipos (sequências) textuais, além de relacioná-los, cognitivamente, à noção de protótipos:

Adam entende que os componentes textuais existem em função/decorrência das práticas sociais de linguagem. Desse modo, concebe todo esse processo de fixação/estabilização do tipo como determinado social e discursivamente e, em termos da cognição, como regido por um princípio de tipicidade (mediante raciocínio prototípico). (BONINI, 2005: 211)

Mais do que relacionar a sequência à ação discursiva que a desencadeia na dimensão comunicativa/discursiva da esquematização textual, Adam a concebe como um dos principais componentes para a atividade com textos, por ser um ponto central

para a categorização dos textos. Isso devido à sua estabilidade que a torna um *recurso composicional dos gêneros*, como dito acima; o elemento que o agente-produtor busca na intertextualidade para a planificação do texto, concebendo-se essa intertextualidade como o “conjunto de gêneros de textos elaborados pelas gerações precedentes, tais como são utilizados e eventualmente transformados e reorientados pelas formações sociais contemporâneas” (BROCKART, 2003: 100).

Como elementos textualizadores, diferentes sequências podem combinar-se em um texto, ainda que a predominância de uma seja marcante para caracterizar o objeto textual como pertencente a determinado gênero. Assim, um texto que pertence ao gênero argumentativo, como o artigo de opinião, por exemplo, pode apresentar sequência narrativa como um recurso para a constituição da argumentatividade, ou seja, como estratégia para a adesão do leitor/enunciário à(s) ideia(s) defendida(s) no texto.

Cada forma de sequência textual caracteriza a ação discursiva executada pelo enunciatador/agente-produtor do texto. Os tipos de sequências mais trabalhados por diferentes teóricos são: narração, descrição, explicação, argumentação, injunção e diálogo.

Em relação à sequência injuntiva, fundamental para as considerações que se seguem, não há um consenso em torno de sua existência. Adam, em seu trabalho de 1992¹⁶, considera a injunção como um tipo de descrição, não atribuindo a ela o estatuto de sequência/*base de texto*. Já Bronckart considera a injunção, que caracteriza os chamados textos instrucionais ou procedimentais, como uma sequência específica, sobre a qual afirma que

[...] diferentemente das descrições propriamente ditas, essas seqüências são sustentadas por um objetivo próprio ou autônomo: o agente produtor visa a fazer agir o destinatário de um certo modo ou em uma determinada direção. (BRONCKART, 2003: 237).

Considerada neste trabalho como uma sequência textual específica, a injunção caracterizaria, dessa forma, uma ação discursiva que tem por objetivo instruir

¹⁶ Informação retirada do artigo de Adair Bonini, usado como referência neste trabalho. O trabalho original de Adam ao qual ele se refere é: ADAM, J.-M. *Les textes: types et prototypes*. Paris: Nathan, 1992.

ou orientar o enunciatário. Resta verificar nas considerações que seguem a análise dos textos selecionados, como sequências não argumentativas, no caso a narração e a injunção, servem de base para a construção da argumentatividade dos textos produzidos a partir da proposta explicitada no painel de leitura do Enem 2006.

2.4.2. As estratégias da argumentação

Argumentar é *direcionar a atividade verbal para o convencimento do outro*, para a modificação do seu discurso a partir da imposição de um ponto de vista sobre determinado objeto (BONINI, 2005: 220-221). Esse direcionamento incide sobre o objetivo de uma ação de linguagem que visa à plena adesão do outro – o enunciatário – ao texto/discurso construído. Diferentes textos, predominantemente estruturados por sequências narrativas, descritivas ou injuntivas, podem apresentar teor argumentativo pelo objetivo intrínseco à sua constituição como ação de linguagem. Dessa forma, há que se considerar a noção de argumentatividade com uma abrangência além da sequência argumentativa. A elaboração de um texto argumentativo na forma e no conteúdo, ou seja, que explicita sua argumentatividade em uma estrutura predominantemente constituída por sequências argumentativas, é uma exigência imposta pelo Enem em relação à planificação do texto e manifesta explicitamente nas orientações do painel de leitura, quando solicitado que se “redija um texto dissertativo” e que se “selecione, organize e relacione argumentos, fatos e opiniões para defender seu ponto de vista e suas propostas”.

Considerando a situação de avaliação vivenciada pelos agentes-produtores/enunciadores, considera-se, também, que a capacidade de ação esperada deles para serem bem sucedidos no processo de esquematização do texto pressupõe o conhecimento sobre o referente e sobre o contexto no qual está inserido, para adaptar-se à situação de comunicação imposta. Para esta análise é importante reconhecer o quanto a figura do enunciatário (co-esquematizador) envolvida nesse processo interfere na estruturação feita pelo enunciador (esquematizador). Essa relação é explícita e necessária, uma vez que a figura do enunciatário pode centrar os objetivos e o comportamento do enunciador:

Na esquematização intervêm os saberes enciclopédicos, o grau de familiaridade com o gênero e os objetivos dos participantes da ação de linguagem. Além disso, ela se caracteriza por um dizer (*logos*), pelo que ela pode mobilizar no co-esquematizador (*pathos*) e pelo que pode insinuar da figura e do comportamento de seu esquematizador (*ethos*). (BONINI, 2005: 215)

Conforme será exposto a seguir, a estruturação dos textos que constituem o grupo de redações analisado, mais especificamente o denominado Grupo I, não traz predominantemente a sequência argumentativa como base do texto, desenvolvendo um teor de argumentatividade fundamentado em sequências narrativas e injuntivas. No contexto de avaliação considerado, interessa que o concluinte/egresso do Ensino Médio saiba estruturar sua argumentatividade em um tipo textual que a explicita, tal como a dissertação-argumentativa, solicitada pelo painel. Se não desenvolver um texto argumentativo estruturado por sequências argumentativas, o agente-produtor, dentro desse contexto considerado, se mostra incompetente.

2.4.3. Grupo I: argumentação híbrida

Os textos apresentados como constituintes do Grupo I evidenciam a influência que a presença da imagem do enunciatário exerce na estruturação, na organização do referente. Os objetivos dos participantes da ação de linguagem – enunciador/enunciatário e esquematizador/co-esquematizador – são construídos, conforme já especificado, pela situação imposta pelo contexto de produção. Como base de orientação pautada por uma temática que possibilita uma abordagem mais subjetiva e que instaura um referente tido como consensual pela educação formal, a temática da leitura é reconhecida como incontestável em seu valor positivo. Não posicionar-se como leitor é visto como um risco, já que destoa do discurso assumido pela autoridade que a imagem do professor adquire nesse contexto. Assim, o enunciador presente na redação direciona sua atividade verbal para o convencimento do outro de que ele, agente-produtor do texto, é leitor.

Conforme já especificado nas Considerações Iniciais, esse Grupo é subdividido em dois tópicos que indicam as sequências encontradas para a construção da argumentatividade: a narração (relato) e a injunção (instrução). Ao analisarmos

como cada redação constrói sua argumentatividade a partir dessas sequências, estaremos analisando o plano de texto elaborado pelos participantes do Enem 2006.

Se a planificação do texto é concebida a partir das instruções do painel de leitura da prova, sua estruturação baseia-se na estreita relação entre o que deve ser dito (logos) e o como dizer, visando a asserção do enunciatório (pathos). Segundo Bonini (2005: 215),

“a planificação, como processo descendente, é instaurada a partir do gênero, neste caso entendido como um *plano de texto fixo*, convencional, normatizado. Já a estruturação, como processo ascendente, instaura-se a partir da proposição, para combinar sequências e obter um *plano de texto ocasional*”.

Visualizaremos a relação entre enunciador e enunciatório explícita na planificação e estruturação dos textos empíricos elaborados nesse contexto de avaliação. Para isso, transcrevemos alguns exemplares a seguir.

- Relatar para argumentar?

“(...) sou uma pessoa totalmente transformada pelo poder da leitura.”

A sequência narrativa pauta-se pela ordenação de ações que mostram transformações de estados. Conforme Adam, é caracteristicamente uma sucessão de eventos unificados em uma temática com apresentação de predicados transformados, em um processo pautado por um início, meio e fim bem delimitados. A sequência narrativa ainda traz a intriga (conjunto de causas que dão sustentação aos fatos narrados) e a moral, uma reflexão acrescida à história relatada que não necessariamente é algo intrínseco a todo e qualquer texto narrativo (BONINI, 2005: 219). A presença de alguns desses elementos, como a sucessão de eventos e os predicados transformados, conferem a um texto seu teor de narratividade, na medida em que a ação discursiva se sustenta no objetivo maior de relatar uma ação (ou ações) atribuída a algo/alguém que se transforma a partir disso. Contar essa transformação é a essência da ação de linguagem desencadeada.

Nos textos que seguem, percebemos que sua estrutura se erige, predominantemente, sobre sequências narrativas, mas, considerando o contexto de

produção, a sequência narrativa trabalha pela argumentatividade que se quer demonstrar.

O poder de transformação da Leitura

A leitura é fundamental para todos nós, temos que de pouco a pouco nos apaixonando pela arte de ler, dos livros tiramos ideias muito importante para toda nossa vida.

Quando pequeno eu não gostava muito de ler, minha mãe que era transformada através da leitura, queria que eu fosse igual à ela.

No início foi um pouco difícil para eu conseguir pegar um determinado livro e ler todinho, mas com o passar dos anos fui me apaixonando por este mundo que poucas pessoas tem o desejo de ler, conhecer

Hoje sou uma pessoa totalmente transformada através da leitura.

Meu conhecimentos são ampliados cada vez que pegou um livro, revista, jornal e leio.

Sou muito grato e sempre vou ser.

Ler não é perda de tempo, ler é conhecimento, transformação.

Texto 1

O Poder de transformação da leitura

Desde pequeno sempre fui incentivado a ler. Fui criado por minha avó, pessoa que nunca frequentou uma escola, mas que sempre fez questão contar-me como aprendeu a ler com os livros. Teve algumas dicas sobre como juntar as letras com seus filhos (meus tios), e assim foi aperfeiçoando sua leitura de uma forma quase que auto-didata. Seu livro predileto é a Bíblia, livro este que no mínimo muito conhecimento em leitura e história antiga trouxe a vida dela. Talvez seja por isso que eu tenha herdado o gosto pela literatura, e é muito bom relembrar como ela me iniciou neste universo tão maravilhoso!

Comecei com histórias contadas por ela que geralmente eram extraídas da Bíblia ou de livros de história. Mais tarde, quando eu havia aprendido a ler, me deliciava com gibis, literatura infantil brasileira, contos e etc. Pude perceber a riqueza de informações que toda esta leitura me trouxe, além do deleite que é poder dedicar algum tempo à leitura.

Cheguei a conclusão que a receita dada por minha avó, tinha servido a mim como a melhor forma de eu adquirir cultura, de uma maneira sadia salutar, coisa que acredito eu, irá passar de geração em geração na minha família. Tenho certeza de que a leitura é o meio mais eficaz e até barato de adquirirmos conhecimento. É um universo que nunca acabará.

Texto 2

Como minha mãe aprendeu a amar a leitura, ela com sua boa vontade exigiu de mim o máximo da vontade de ler, pensando em meu futuro, que avia de vir, para que eu estivesse preparado culturalmente, a saber agir com sensates nas decisões tomadas por mim.

Minha mãe conseguiu pelos livros, fazer com que eu visualizasse o caminho mais certo da vida, porque nos livros encontra-se a cultura, sabedoria, uma maneira de vida diferente que estou vivendo, com isso paro para pensar que nós estamos revivendo o que foi vivido na época que foram escrito.

Eu consegui evoluir devido o que aprendi pelas leituras, se conseguisemos fazer com que todos tivessem um leitura diária, estaríamos mais tranquilos socialmente menos assaltos, assassinatos, e uso de drogas; pois estariam ocupados lendo livros e com isso iriam levar consigo uma sabedoria inagualavel: que pena que nem todos lêem livros.

Texto 3

Uma vez quando minha mãe lia um livro e eu curioso queria saber o que ela estava lendo, ela me disse que era um livro medicinal, tinha várias receitas de plantas que curam. Eu então comecei a ler o livro, outros, mais conhecimentos havia comigo. E estava totalmente certa que ler é bom para termos mais informação. O ato de ler nos mostra um mundo totalmente diferente da nossa realidade, como os Infantis que quando lemos estavam exercitando a nossa imaginação nos personagem da história, nas figuras, nas linguagem de Português, porque cada região do nosso país tem um dialeto e modo de se vestir. Então o modo de transformação é fazer com que a pessoa pegue no livro e comece a ler para mudar o jeito de pensar. Se pegarmos um livro de ficção científica estarão lendo sobre uma coisa que não tem ou não foi inventado ainda, mas ler é fundamental para que algum dia possamos passar para nossos filhos o que aconteceu na história do Brasil e na história Geral.

Texto 4

A importância da leitura em minha vida

Minha vida tem uma grande história com a leitura meus pais sempre me insentivaram para ler e principalmente saber entender e compreender a importância de ser ler um bom livro, às vantagens e o conhecimento que os livros me trariam para minha vida pessoal e profissional com o passar dos tempos. Realmente foi com a leitura que conheci a maravilha de conhecer autores e escritos que me fizeram entrar em mundo encantado da literatura, a busca por mais conhecimentos e informações para poder me expressar e expor minhas opiniões as questões sociais, políticas, econômicas e educativas a outras pessoas com conhecimentos mais intensos. Foi através da leitura que descobri minha atual profissão e busco sempre mais conhecimentos e motivação para manter-me firme. Quando estou lendo, estou inteiramente entregue a leitura e na situação em que o artigo me espõem. Cada leitura passo ter certeza que enriqueço mais meus conhecimentos e cultura social.

Texto 5

Percebe-se que nos textos 1 a 5, a argumentatividade, a estratégia adotada para o convencimento do outro (o enunciatário), é pautada pela referência a um tempo passado em que uma figura feminina (a mãe e/ou a avó) interfere no processo de aquisição do hábito da leitura por parte do eu (o enunciador). Qualquer semelhança

com um dos textos contidos na coletânea trazido pelo painel de leitura não é mera coincidência. Relembrando o texto de Moacyr Scliar transcrito no painel de leitura (apresentado à página 31): “Minha mãe muito cedo me introduziu aos livros. Embora nos faltassem móveis e roupas, livros não poderiam faltar. E estava absolutamente certa. Entrei na universidade e tornei-me escritor. Posso garantir: todo escritor é, antes de tudo, um leitor.”. O recorte é explícito e torna-se uma alternativa para fundamentar o dizer (logos) em algo confiável, uma vez que contido no próprio painel. O objetivo da ação de linguagem desencadeada pelo agente-produtor e materializada na redação feita é mostrar-se de acordo com o que se espera, ou, pelo menos, com o que ele acha que se espera dele...

E nesse jogo de provar ser leitor, mostrar-se como exemplo, tanto de leitor como de não-leitor (nesse caso, reconhecendo o malefício que essa condição traz à vida – vide texto 7 e 9) torna-se uma alternativa recorrente:

Desde cedo, fui apresentado ao livro, onde conhesi várias estórias; Onde sempre minha professora falava que sem leitura, não somos nada, antigamente não entendia, hoje já sei muito bem o que ela queria dizer, que sem leitura não a estudo. Para ler, tem que gostar, saber admirá-la pois mais tarde tudo será aproveitado. Existem livros com o inúmeros surpresas, que jamais saberemos se não lermos, e tão pouco que pagamos para sabermos tanta coisa que vai além da imaginação, hoje me vejo um dia formado em pedagogia pois ler é tão gratificante que quero apresenta ele a várias pessoas, que vão da mesma maneira se apaixonar, pela leitura ou talvez ser um escrito no futuro quem sabe.

Texto 6

Desde muito cedo, fui incentivada a ler, livros, revistas em quadrinhos, tudo em geral. Mas nunca gostei muito da leitura, sempre chorava muito nas provas orais na escola. Nunca gostei de ler, achava uma perda de tempo. Passei toda Adolescência quase não lendo e mais assistindo.

A transformação começou quando comecei a trabalhar; tudo o que faço tem que ler, ler e ler. Prestar muita atenção.

Comecei a encontrar muitas dificuldades, porque a maioria do que faço é baseado na leitura, sofri muito porque além de não saber ler, não sabia escrever direito.

Como poderia eu, saber ler, se nunca li por livre e espontânea vontade.

Hoje fico imaginando, que milhões de vezes tive a oportunidade de praticar o que há de melhor e não dei valor.

Texto 7

A leitura em nossa vida tem um papel fundamental.

Quando somos crianças é por meio dela que viajamos ao mundo encantado, por meio dela nos tornamos crianças mais calmas. Quando somos adolescentes sonhamos com os romances os com as aventuras, a leitura pode tirar um jovem do caminho das drogas e da ilegalidade. Quando crescemos nos tornando adultos ela nos enriquece com informações de diversos tipos, assim podemos aprender como desenvolver um trabalho melhor e até como cuidar melhor de nós mesmos e de nossos filhos.

São inumeros os casos de pessoas que através da leitura melhoram seu padrão de vida por que assim adquiriram conhecimento que puseram em pratica e transformaram a propria realidade.

A leitura nós vicia a ela, eu já sou vicia na leitura faz tempo, por isso cheguei até aqui!

Texto 8

O Poder de Transformação da Leitura

A leitura sem dúvida é a maior fonte de informação, com ela você embarca em muitas viagens, descobrindo coisas que nunca pensou que poderia ser verdade, e que no momento da leitura parecem ser reais.

Nunca fui um leitor aciduo, na minha vida, na minha família meus pais nunca fizeram eu ler de verdade, eu tambem sempre dava um jeito para escapar da leitura, tanto em casa quanto na escola.

Hoje sinto muita falta da leitura, sei o quanto ela é importante na vida.

Penso que todos devemos ter o abto de ler, principalmente as crianças, onde tudo começa; sei que se tivesse o abto de ler des de criança, muita coisa tinha mudado na minha vida.

Texto 9

Há uma deslocação da abrangência do tema ao se inverter a discussão do poder atribuído à leitura de transformar (culturalmente), para a necessidade de confirmação da importância da leitura e a consequente auto-afirmação do agente-produtor do texto como leitor. A argumentatividade exigida em uma dissertação-argumentativa, com a defesa de ideias sustentada pela seleção de argumentos e apresentação de hipóteses, em um processo pautado por uma leitura eficiente (do painel e do mundo), cede lugar a uma necessidade de defesa, não de uma ideia estruturada a partir de uma reflexão, mas de um posicionamento acerca da afirmação trazida pelo painel. Afinal, à declaração “o poder de transformação da leitura” não é colocada a possibilidade de discordância, o que aliado a aceitação do discurso da escola, leva a um deslocamento daquilo que deve ser o objeto de convencimento.

Essa postura aproxima a argumentatividade da narratividade na medida em que o relato pessoal torna-se o meio para o convencimento do outro, para a criação da imagem desejada pelo agente-produtor manifesta no texto. Assim, “contando” sua

própria história de vida, o enunciador busca convencer sobre a sua condição de leitor ou, ao menos, do reconhecimento que ele tem sobre a importância do ato de ler.

- Instruir para argumentar?

“Transforme-se, leia!”

A necessidade de se fundamentar o dizer (logos) em relação à imagem estabelecida (sempre a partir da visão do enunciador/agente-produtor do texto) do enunciatário estrutura a seleção do referente, a organização do conteúdo textual. Como vimos, o conteúdo é estabelecido a partir da situação de comunicação vivenciada no contexto de produção, e não pautado pelo referente – puro e simples – apresentado no painel de leitura. Isso leva ao “diálogo” firmado com o enunciatário – implícita ou explicitamente – quando das estratégias usadas para a construção da argumentação. É o caso, de maneira implícita, dos textos cujo convencimento baseia-se na necessidade de se construir uma auto-imagem (ethos) para convencer o enunciatário de que o poder de transformação da leitura já surtiu seu efeito, como nos textos de 1 a 9 mostrados acima.

Procuraremos delimitar aqui como esse “diálogo” se apresenta explicitamente, em textos cuja argumentatividade é estruturada a partir da injunção.¹⁷

Conforme já especificado nas Considerações Iniciais, o *corpus* se mostrou surpreendente na medida em que apresentou textos que se pautavam pela sequência injuntiva, numa situação que exigia a construção de um texto dissertativo-argumentativo.

Isso torna complexo o processo de constituição da ação discursiva executada pelos agentes-produtores dessas redações porque estabelece uma hierarquização de objetivos: para convencer, torna-se necessário instruir.

Os objetivos do processo de esquematização textual orientam o *plano de texto* a ser elaborado, ou seja, instituem o gênero textual. A redação do Enem, como

¹⁷ A definição de sequência injuntiva encontra-se na página 39, quando discorreremos sobre a noção de sequência textual.

especificado no Capítulo I, se constitui como *gênero* na medida em que é fruto de uma situação de comunicação específica, mesmo que sua estrutura se erija exclusivamente no desenvolvimento “clássico” do *tipo* dissertativo-argumentativo. No entanto, nas redações selecionadas, a argumentatividade está baseada em sequências injuntivas que tornam explícita a ação discursiva de instruir, orientar, aconselhar. É como se a instrução se tornasse uma estratégia para o convencimento. Convencimento baseado não somente no desenvolvimento de uma ideia acerca da importância do ato de ler, mas na imagem de que o agente-produtor/enunciador do texto é leitor.

O Poder de Transformação da leitura

Hoje em dia, é muito importante praticar o ato de ler. Lendo, temos conhecimento de tudo que queremos e, aprendemos palavras novas, ou seja, aprofundamos o nosso conhecimento.

Sempre que tiver um livro, revista, jornal, ou até mesmo um história em quadrinhos, leia! Acho que ninguém quer ficar parado, sem sair do lugar. E nossa vida é um livro. Quem fica parado, lê só uma página.

Você verá que não estou enganada. Verá como a leitura tem o poder de transformação. Até porque, quando você pega um livro ou algo do gênero para ler, você entra no assunto e não quer mais parar de ler. Você começa a imaginar como (o que você está lendo) aconteceu.

É muito interessante!

Transforme-se, leia!

Texto 10

Assim, percebemos a ligação entre a configuração pragmática e a sucessão de proposições escolhida, de como a primeira interfere na organização e na escolha da segunda (ver Quadro 3 localizado à página 36).

Num primeiro momento, torna-se necessário encarar o objeto textual a partir de seu alcance comunicativo, enunciativo e semântico, ou seja, relacionando-o ao modo como foi configurado pragmaticamente. Visto como *um macroato de discurso, que se dá como uma sequência de microatos* (BONINI, 2005: 216), o texto apresenta o objetivo explícito de instruir. Esse agir sobre o outro, o enunciatário, instaura um jogo de imagens que se caracteriza pela inversão dos lugares sociais ocupados pelo enunciador/esquemmatizador e enunciatário/co-esquemmatizador. A *localização enunciativa* se instaura na explicitação do enunciatário (o uso do pronome “você”) como interlocutor e a sua posição “inferiorizada” de alguém que não sabe, que precisa

ser instruído, orientado a descobrir a importância e o prazer da leitura. E nesse caso, quem pode ajudar esse enunciário não-leitor, é o enunciador leitor. Com isso têm-se os papéis sociais invertidos: como o estudante/egresso do Ensino Médio que aceita passar pela situação de avaliação do Enem enxerga o seu enunciário? Ousadia ou arrogância?

A temática da leitura, que constitui o tema global – a macroestrutura – do texto, por si só já instaura a necessidade da concordância, dentro do imaginário coletivo que corrobora – ou se sente obrigado a corroborar – com o saber escolarizado. Como já expusemos anteriormente, quando foram feitas as considerações acerca da temática trazida pelo painel de leitura, o enunciador, justamente por partilhar do saber coletivo que o discurso escolar prega em relação à leitura, sabe que deve reforçar esse discurso, que nessa situação de produção não lhe foi dada a possibilidade de discordância. O *alvo ilocucional*, que instaura o objetivo da ação de linguagem realizada, é orientado pela argumentatividade construída para a comprovação de que o enunciador sabe que a leitura é importante. E a estratégia usada para convencer é justamente posicionar-se como leitor. A instauração explícita do tu e a relação estabelecida entre enunciador e enunciário pauta-se, então, pela posição social que o enunciador atribui a si mesmo, numa espécie de reflexo da imagem do professor.

Essa imagem construída é a forma como o enunciador traz o tema global da importância da leitura na sua ação discursiva de “convencer instruindo”. E possibilita a apreensão da *coesão semântica* na medida em que estabelece o mundo discursivo que se apresenta no texto empírico. A coesão semântica se constitui no eixo da configuração pragmática e estabelece a apreensão de um mundo representacional do qual decorre e ao qual se filia o tema global (macroestrutura) do texto (BONINI, 2005: 216). A noção é, pois, mais abrangente que o conceito normalmente atribuído apenas ao termo *coesão* em Linguística Textual, que na edificação teórica estabelecida por Adam, encontra espaço na conectividade, no eixo da sucessão de proposições.

Concretizamos essa apreensão através dos marcadores que instauram as condições de coerência do texto, ou seja, relacionam o conteúdo abordado ao tema global e explicitam as condições de referência. No caso dos textos constituintes do

grupo então analisado, a explicitação da sequência injuntiva com o seu sentido de instruir, aconselhar.

Leitura e suas Transformações

Para muitas das crianças deste mundo, os contos de fadas eram, ou ainda são, como luzes, estrelas cadentes que trazem consigo um pouco de magia para este mundo de pedra e frio. Muitas vezes o simples ato de pegar um livro faz brotar uma alegria envolvente e ao mesmo tempo oculta atrás de nossos olhos e independente da idade.

A leitura nos leva a lugares maravilhosos onde só você pode estar. Ninguém para te ver, ninguém para te encomodar. Você é simplesmente único e sabe que quando desejar o barqueiro da fantasia vai estar na sua cabeceira disposto a te levar aos lugares mais longínquos do mundo.

Então não espere, pegue um livro, namore-o, vocês dois vão passar um bom tempo juntos. Sinta o momento, não se esqueça que ele é único. O que você encontrar no livro, aos poucos vai transformando você, sua vida, seus hábitos. Acredite isso só lhe trará bons frutos, pois aquele que tem um pouco de conhecimento e imaginação pode conquistar o mundo.

Acredite em você, se quiser ria um pouco agora pois você ainda não me conhece, mas acredite vai conhecer.

Texto 11

No texto 11, acima, verifica-se a concretização dessa instrução na sequência de verbos imperativos (“*não espere*”, “*pegue*”, “*namore*”, “*sinta*”, “*não se esqueça*”, “*acredite*”) que explicitam a organização da sequência injuntiva construída no terceiro parágrafo. E a ligação da sequência à temática abordada se faz através das palavras que remetem à leitura, tanto de maneira denotativa (“contos de fadas”, “livro”, “leitura”) como conotativa (“luzes”, “estrelas cadentes”, “magia”, “barqueiro da fantasia”).

Dentro do *corpus*, a instauração explícita do enunciatário (você) se constitui num ponto de ancoragem para a argumentação, pois justifica a inserção dos argumentos apresentados. E essa explicitação pode ser, no conjunto dos textos selecionados, diferenciada em “graus”, conforme a presença desse “você” no texto seja usada como base para a argumentação ou apareça apenas no final, na conclusão das ideias apresentadas.

Nesses textos, de numeração 19 a 37, transcritos no Anexo I, percebe-se que a explicitação do enunciatário se encontra diluída, seja através do uso do pronome “você”, seja através de verbos imperativos que remetem a presença do outro, e mesmo na escolha do “nós” inclusivo que guia a argumentação, demonstrando a

proximidade com esse leitor/enunciatório, como acontece em praticamente todos os textos selecionados. O uso da primeira pessoa do discurso no plural oferece à tese defendida um caráter de “verdade universal”, cuja aceitação é mostrada como consenso. Logo, nada a se estranhar sua recorrência em textos que trabalhem a temática da leitura, tal como apresentou a prova de redação do Enem 2006.

Esse “diálogo” explícito, conforme mencionado anteriormente, marca o desenvolvimento da argumentatividade a partir da injunção, concretizando o jogo de imagens “invertido”: o enunciador egresso do Ensino Médio dirige-se diretamente a seu enunciatório com o intuito de convencê-lo de que a leitura é algo positivo e necessário para a sua formação (a do enunciatório, porque o enunciador já sabe disso) – vide texto 24, 30 e 31, em anexo, no qual o enunciador se coloca como apto a dar aviso, conselho a seu leitor.

Mesmo que a própria temática possibilite que se trabalhe com o enunciatório universal, ou seja, que se dirija a um “você” genérico que pautar a argumentação, o contexto de avaliação no qual se insere a prova do Enem faz com que o enunciatório imediato se manifeste na figura do professor corretor da prova (cuja imagem se concretiza no painel de leitura apresentado ao candidato), o que indica que o agente-produtor da redação não executou uma ação discursiva adequada em relação ao contexto, uma vez que inverte os papéis sociais dos que participam dessa situação comunicativa específica do Enem. Nesses textos, a imagem de leitor é construída em um contínuo, a partir do posicionamento que o enunciador/ agente-produtor assume, o que lhe dá o “direito” de aconselhar, instruir o outro.

E, como já mencionado, a maneira como o “outro” é explicitado configura-se de duas formas diferentes. Primeiramente, percebemos os textos que constroem sua argumentação apresentando essa explicitação diluída, ou seja, ancorando a progressão textual na relação com o enunciatório. São os textos que trazem o “você” continuamente, mostrando, desde o seu início, a argumentatividade direcionada para a instrução, conforme verificamos nos textos 19 a 25. E não só a figura do enunciatório é explicitada, como também há a exibição da figura do enunciador, que muitas vezes se coloca como exemplo de leitor. É o caso dos textos 20 e 22, nos quais o enunciador

“confessa” que não era um leitor assíduo, mas que foi “transformado pelo poder da leitura”.

Em um outro grupo de textos, com uma quantidade maior – do 26 ao 37 – verificamos que a injunção ocorre em um ponto específico, ao final da argumentação, como encerramento das ideias apresentadas e explicitação dos objetivos. Nesses textos, a sequência injuntiva funciona como uma “chave de ouro”, um recurso estratégico para o final. O modelo de dissertação-argumentativa, com sequências argumentativas mais desenvolvidas, é mais nítido, como verificado em praticamente todos os textos selecionados que compõem essa subdivisão.

Conforme vimos frisando, a argumentatividade é direcionada para a confirmação de que o enunciador é leitor, confirmação necessária para corroborar o discurso escolar sobre a leitura, que constitui o *topos* argumentativo dos textos vistos. Segundo BONINI (2005: 221), “O esquema argumentativo consiste, basicamente, na apresentação de um dado ou elemento explícito de sustentação (um argumento) e uma conclusão (um predicado), passando por um *topos* (um já dito)”.

É justamente esse *já dito* que forma a base de sustentação das ideias apresentadas em defesa do hábito de ler. O *topos* argumentativo é necessariamente o repetido discurso escolar sobre a leitura, com o direcionamento final ao enunciatário para convencê-lo de sua importância e poder (da leitura). Esse direcionamento, que ora se apresenta como aviso, como conselho ou como simples instrução, fortalece a argumentatividade em direção à imagem de enunciador que o texto passa, não à ideia discutida sobre o ato da leitura. No conjunto do texto, o esquema argumentativo consiste, mais do que na confirmação do “poder de transformação da leitura”, na confirmação de que quem escreve o texto redação do Enem é leitor. E se colocar como apto a dar conselho ou instruir o enunciatário é uma estratégia para o fortalecimento dessa imagem. Dessa forma, parece que esse enunciador não se dá conta de quem é realmente seu enunciatário, considerando-o como alguém que não tem o hábito de ler ou não sabe da importância da leitura. Ou então, a temática, que apresenta um caráter de aceitação muito fortalecida pelo senso comum e que, por isso mesmo, é vista como não podendo ser negada/refutada, traz um esquema geral de

texto que “naturalmente” leva à injunção, numa repetição do discurso do professor, do governo, etc., tão marcado no imaginário coletivo.

Isso nos leva à imagem de um enunciador/agente-produtor ousado e/ou arrogante? Leitor?

Talvez o que esses textos demonstrem seja a explicitação de uma hipocrisia. A dissimulação dos verdadeiros sentimentos e um discurso que carece de sinceridade mostram isso. Afinal, temos textos cujos autores re-produzem um discurso escolar – por acreditar que é isso que se espera deles – com argumentos previsíveis (muitas vezes retirados do próprio painel de leitura apresentado, conforme abordaremos na análise do próximo grupo) e deslocam o foco argumentativo da discussão e apresentação de ideias acerca da temática da leitura para se centrarem no convencimento de que quem está “falando” é, sim, um leitor. E como discorreremos acima, isso mostra que os agentes-produtores desses textos não desempenham uma ação discursiva adequada ao seu contexto de comunicação, demonstrando, certamente, a imagem de um leitor incompetente, que não sabe desenvolver sua argumentação de forma eficiente. Entre argumentar e “se mostrar”, eles escolhem a segunda opção, seja porque não têm competência para relacionar argumentos, seja porque o tema trazido não lhes toca, uma vez que não se constituem como leitores.¹⁸

2.4.4. Grupo II: argumentação incompetente

Para formar esse segundo grupo de redações, selecionamos alguns exemplares que se constituem como textos desenvolvidos em sequências argumentativas, a partir da constatação prévia de que a argumentação desenvolvida é ineficiente, ou seja, os textos não funcionam, não convencem enquanto produto de um enunciador que precisa se mostrar competente textual e sociocomunicativamente. Nesses textos, a análise é focada na estrutura argumentativa, na maneira como o tema “o poder de transformação da leitura” é apresentado, retomado, enfim,

¹⁸ Importante ressaltar que embora haja essa comprovação de incompetência em relação ao contexto sociocomunicativo, uma parte dos textos selecionados demonstra uma satisfatória adequação à estrutura formal exigida, no que diz respeito à conectividade entre as proposições.

desenvolvido. Para tanto, utilizaremos os pressupostos teóricos dos estudos sobre referenciação, a cujas considerações mais específicas nos remetemos agora.

- As estratégias de referenciação

Para diversos campos do saber sempre interessou a relação entre linguagem, pensamento e mundo. E especificamente à Linguística, a análise da relação entre a forma linguística e o referente extralinguístico, situado no mundo empírico, suscitou discussões e estudos sobre a referência ou, em termo mais consensual, a referenciação. Segundo Koch e Elias (2007: 123):

Denomina-se **referenciação** as diversas formas de introdução, no texto, de novas entidades ou referentes. Quando tais referentes são retomados mais adiante ou servem de base para a introdução de novos referentes, tem-se o que se denomina **progressão referencial**.

Para a Linguística Textual, *a referenciação é uma atividade discursiva*. Assim, a referência não é entendida como representação extensional de referentes do mundo extramental, mas sim como *“aquilo que designamos, representamos, sugerimos quando usamos um termo ou criamos uma situação discursiva referencial com essa finalidade: as entidades designadas são vistas como objetos-de-discurso e não como objetos-do-mundo”* (KOCH, 2006c: 57). Dessa forma, concebe-se o texto como um evento no qual as relações de sentido estabelecidas se configuram internamente, numa atividade discursiva, independente da existência empírica dos fatos trabalhados/apresentados.¹⁹

A discursivização ou textualização do mundo por meio da linguagem não consiste em um simples processo de elaboração de informações, mas em um processo de (re)construção do próprio real. Os objetos de discurso não se confundem com a realidade extralinguística, mas (re)constroem-na no próprio

¹⁹ “Isto não significa negar a existência da realidade extra-mente, mas, simplesmente, postular a necessidade de uma ontologia não-ingênua e não-realista. Nosso cérebro não opera como um sistema fotográfico do mundo, nem como um sistema de espelhamento, ou seja, nossa maneira de ver e dizer o real não coincide com o real. Ele *reelabora* os dados sensoriais para fins de apreensão e compreensão. E essa reelaboração se dá essencialmente no discurso. Também não postulamos uma reelaboração subjetiva, individual: a reelaboração deve obedecer a restrições impostas pelas condições culturais, sociais, históricas e, finalmente, pelas condições de processamento decorrentes do uso da língua.” (KOCH & MARCUSCHI, apud KOCH, 2006c: 57)

processo de interação: a realidade é construída, mantida e alterada não apenas pela forma como nomeamos o mundo, mas, acima de tudo pela forma como, sociocognitivamente, interagimos com ele. Interpretamos e construímos nossos mundos na interação com o entorno físico, social e cultural. (KOCH, 2005b: 33-34)

É importante termos como base de análise a asserção de que uma temática como a exigida para a redação do Enem 2006, conforme especificado quando discorreremos acerca do painel de leitura da prova, é consensual, ou seja, não se nega que o hábito de ler tenha *poder de transformação*. Logo, o discurso de apologia à leitura enquadra-se em um *modelo cultural*, uma base de conhecimento estabilizado que é reativado no contexto do exame.

O enunciador/agente-produtor opera de acordo com o discurso escolar, construindo todas as referências concernentes à leitura no sentido de reforçar esse discurso, ou seja, defende, elogia, corrobora a afirmação de que a leitura tem poder de transformação em todos os indivíduos. Esse enunciador age conforme uma *memória discursiva* que o impele a, como já dito, confirmar o discurso do professor, do governo, da escola. Com a transcrição dos textos deste Grupo, fica patente que, em linhas gerais, a arquitetura argumentativa dos textos parece esvaziar-se de uma individualidade – que é, inclusive, exigida – para enquadrar-se naquele modelo cultural no qual o enunciador está inserido, mostrando não as ideias apresentadas e sua pertinência, mas o enquadramento desse enunciador às condições que ele considera necessárias à obtenção da “aprovação” dentro do contexto comunicativo que está vivenciando. Suas escolhas reforçam sua condição de querer mostrar-se de acordo com o que o enunciatário – a partir do modelo cultural previamente ativado (pelo enunciador) – espera dele. Confirmando o que diz Koch (2005b: 35): “as formas de referenciação, bem como os processos de remissão textual que se realizam por meio delas, constituem escolhas de um sujeito em função de um querer-dizer”.

Decorre disso que os textos são absolutamente previsíveis (alguns até ingênuos!) em sua maneira de apresentar as ideias, de argumentar, enfim, de

referenciar o que o seu agente-produtor pensa. A essas formas de referenciação é que nos remetemos em seguida.²⁰

Primeiramente, abordamos os textos que trazem uma argumentação que se mostra extremamente empobrecida pelo seu caráter de ingenuidade e exagero; em um segundo tópico, abordamos os textos que demonstram uma baixa eficiência argumentativa a partir da referência explícita ao painel de leitura e, por fim, trazemos alguns exemplos de má estruturação argumentativa devido à repetição não-funcional.

– Argumentação ingênua/exagerada – definições

A atividade de argumentar, especificamente em uma prova – seja de vestibular, de concurso ou do Enem – está relacionada à aferição da competência sociocomunicativa, tão exigida em uma sociedade letrada, que valoriza o domínio da escrita para reconhecimento da aptidão ao ensino superior. A argumentação está estreitamente vinculada à habilidade de escrever e expressar-se adequadamente através da escrita, cuja atividade de produção constitui-se em uma oportunidade única, dentro do contexto característico de exames, para o candidato submeter-se aos critérios avaliativos através de sua expressão individual. A atividade de leitura e escrita, caracterizada pelo contato com o painel de leitura e a consequente elaboração do texto solicitado, integra os eixos formadores da prova aberta do Exame, caracterizando-se, como já dito, na valorização da individualidade e dos indícios de autoria. Como diz Rogério Chociay (2004: 333):

[...] os atos de ler e de escrever se tornam, realmente, manifestações de um espírito lúcido e livre. Nunca um indivíduo é mais lúcido e autêntico do que nos momentos em que busca conhecimentos e nos momentos em que manifesta com vagar, com habilidade, com consciência, as suas idéias, opiniões, reflexões, expressando sua experiência, sua visão de mundo, necessidades e ideais.

Assim, o indivíduo se mostra incompetente na medida em que não torna a atividade de argumentar um ato autêntico de apresentação de suas ideias.

²⁰ Ressaltamos novamente a abordagem qualitativa da análise, que não se prendeu, em nenhum momento, para ressaltar e/ou comprovar as conclusões, em dados quantitativos. A quantidade de textos utilizada para o *corpus* está especificada na primeira parte do trabalho, nas Considerações Iniciais.

Os textos selecionados e transcritos – total ou parcialmente – demonstram estarem seus argumentos ancorados num discurso preexistente: do professor, da escola, do governo. Isso por si só não é um problema. Só é atestado de ineficiência – “não convence” – quando essas ideias são assumidas e repetidas sem uma reflexão ou demonstração mais contundente, ações esperadas em um texto cuja finalidade é a de defender um ponto de vista.

Podemos verificar a artificialidade no trabalho com o tema a partir das definições acerca do ato da leitura e das pessoas que a praticam – ou não. A leitura, considerada em seu “poder de transformação”, e os leitores são os referentes “motrizes” dos textos analisados, pois a partir deles encadeia-se a estrutura argumentativa do texto, que segue em uma sequência de complementos a eles atribuídos.

O dom chamado Leitura

Ler é a melhor forma de sobreviver, porque sem ela realmente não poderíamos viver. A leitura está em nosso dia-a-dia a cada momento em qualquer lugar, mesmo que este seja o mais distante do mundo.

Só a leitura tem o poder de transformar, criar e recriar as coisas e o mundo. Só ela tem o dom de trazer o universo para perto de nossos olhos, de transformar a pessoa mais pobre em uma pessoa rica em conhecimentos e cultura.

Assim é a leitura, a forma mais de ver a vida, o jeito mais humilde de crescer profissionalmente, o poder mais real de transformar o mundo de guerras em sonhos de criar pessoas melhores, a forma mais bela e simples de aprender sobre o amor, a paixão, a fórmula mais exata que Deus criou para entendermos de onde viemos, e foi ele mesmo que deu a cada um de nós esse dom chamado ler.

Texto 12

Ler também é um exercício e faz bem a saúde, além de proporcionar uma forma compensatória de alcançar o sucesso.

Pois já foi comprovado, a pessoa que pratica a leitura está sempre calma, objetiva em tudo que faz e jamais apresenta sinais de stress.

O mundo que estamos vivendo aquele que não se preocupa em ler uma boa revista, um jornal, os quais nos relata informações sobre a política, a economia do país, violência, drogas, cultura, lazer, esportes, etc; Incluindo bons livros que nos faz viajar ao mais profundo conhecimento aonde aprendemos coisas que só a leitura é capaz de ensinar, coisas essas que transforma pessoas cultas, sábias e mas comunicativa e que desvenda o segredo do sucesso. Então aquele que não está na classe dos leitores e não se incomoda de entrar, vai sempre ser, o ajudado, o informado, para não dizer parasita que depende de alguém para avisar que o mundo está acabando.

Texto 13

Esses complementos/definições, que nada acrescentam ao conhecimento partilhado pelo enunciatário, carecem de uma visão equilibrada e crítica sobre um tema que, embora consensual, como já explicitado anteriormente, apresenta-se como problemático em nosso país. E é por essa problematização que se espera a apresentação e discussão de ideias, evidenciando o posicionamento crítico do enunciador acerca do tema abordado. A progressão textual ocorre baseada em predicados que garantem a referência ao tópico tratado (tema), mas, pelo que acrescentam de conteúdo (rema), evidenciam uma abordagem exagerada.²¹ Quando a leitura é definida, no texto 12, como “o poder mais real de transformar o mundo de guerras em sonhos, de criar pessoas melhores, [...] a fórmula mais exata que Deus criou para entendermos de onde viemos [...]”; e “a pessoa que pratica a leitura”, no texto 13, como “sempre calma, objetiva em tudo que faz e jamais apresenta sinais de stress”, tem-se um exagero dos benefícios atribuídos ao ato de ler, caracterizado por uma mera aceitação – e repetição – do discurso institucionalizado sobre a leitura. Essa repetição, reforçada por atributos exagerados e ingênuos, prejudica a qualidade argumentativa do texto por fazer com que este se torne espaço de exposição e valorização de uma ideia do senso comum sem que essa apropriação possa ser considerada fruto de uma reflexão individual. Temos, assim, o apagamento do sujeito enquanto agente desse processo de interlocução. Isso porque a temática da leitura, tomada em seu *poder de transformação*, é considerada como um valor consagrado e, apoiando-nos nas conclusões de Alcir Pécora em seu já clássico “Problemas de redação”, concebemos que a argumentação trabalhada nos textos 12 e 13, além dos textos em anexo (Anexo II, textos 38 a 45) está centrada na *noção de dever*, em que o sujeito enunciador toma a produção de seu texto como a satisfação a uma ordem prévia e geral através da qual ele não precisaria acrescentar sua reflexão individual para a análise do tema proposto, afinal, *a argumentação do dever se esgota nela mesma, isto é, na referência a um padrão “a priori”, uma razão oculta e acima do texto, que condena ou aprova esta ou aquela conclusão* (PÉCORA, 1992: 100).

²¹ “A noção de progressão temática é construída sobre o par tema/rema, situada em uma perspectiva lógico-semântica: todo texto comporta um tema, *i.e.* aquilo que está em questão e que é conhecido, e um rema, *i.e.* o que se diz a propósito do tema, que constitui uma informação nova.” (PAVEAU & SARFATI, 2006: 196)

Vejamos os seguintes trechos, cujos textos integrais estão em anexo (Anexo II, p. 84):

- 1) Embora seja uma ótima escola por que através da leitura o indivíduo se tornar mais inteligente e se torna uma nova pessoa ocupando sua mente com coisas que trará um futuro melhor. [Texto 38]
- 2) Lemos porque a necessidade de ler torna uma pessoa seria com caráter e asima de tudo para que o mundo ou a nação vindoura sejam de pessoas inteligentes, trabalhadores, honestos, com força de vontade e tenha menos fome, violência e prostituição infantil e assim o mundo será melhor. [Texto 38]
- 3) Saber ler é ocupar a mente e colocar tudo de bom nela. [Texto 39]
- 4) Um cidadão sem a leitura neste mundo em que estamos vivendo, é como se fosse uma pessoa cega, ficaria difícil para tudo, até para viajar, isso sim é sem contar com a competição no mercado de trabalho que esta sendo ruim até para quem sabe ler, imagine os coitados dos analfabetos que não sabem nem para onde estão indo. [Texto 40]
- 5) Leitura é uma magia que encanta as pessoas, quando estamos lendo aprendemos a ser bons, com a leitura somos mais humildes, sabendo lutar com pessoas difíceis, e confiar nos outros. A leitura passa segurança, sempre que estamos lendo perdemos a noção do tempo, entramos de cabeça e nos transporta a lugares incríveis. [Texto 41]
- 6) Quando crianças lemos livros com histórias lindas e sempre com finais felizes, e isso, nos torna capazes de enfrentar o mundo mais confiante. [Texto 41]
- 7) [...] uma boa leitura uma boa pessoa. [Texto 41]
- 8) A leitura transforma homens, famílias e até nações inteiras, intelectual mas em principal moralmente. [Texto 42]
- 9) A leitura é o primeiro passo para um mundo melhor. [Texto 42]
- 10) O poder é ser mais e não ser menos, com isso todos nós seremos vencedores da vida. [Texto 43]
- 11) Juntos seremos eternos, amigos da leitura brasileira. A transformação tem o poder de ser leitores e não inleitores, devemos a ser orgular de nós mesmos a ser cada dia mais o poder da leitura. [Texto 43]
- 12) [A leitura] é como se fosse o unico meio de ser feliz, de se sentir util para alguma coisa nessa vida. [Texto 44]
- 13) O poder da leitura é expandir um conhecimento maior que qualquer outro de falar correto, ensinar, dar conselhos e até mesmo de ser um cidadão cada dia melhor e capaz de alcançar os próprios objetivos, O poder da leitura nos faz ter mais respeito, não ser racista, nos faz entender os fatos, ser paciente. [Texto 45]
- 14) O poder da leitura é saber o que você está lendo e se fortalecer a cada dia, leitura não é uma escolha mas sim uma solução para a vida. Quanto mais lemos mais livros queremos para aprofundar em conhecimento. [Texto 45]

Quadro 5 – TRECHOS REPRESENTATIVOS (ARGUMENTAÇÃO INGÊNUA/EXAGERADA)

O que se evidencia a partir da seleção desses trechos é uma ingenuidade acrescentada à ideia comum – fortalecida pelo contexto de interlocução – de que a leitura é algo benéfico, do qual não se pode discordar. O que chamamos de ingenuidade revela a ausência de espírito crítico por parte do agente-produtor, que se abstém de realizar uma reflexão pessoalizada/individualizada para demonstrar conformidade a um modelo de discurso previamente estabelecido em prol da leitura. O que torna a argumentação deficitária não é a corroboração de um discurso consensual, mas o uso de ideias-clichê, desgastadas e desprovidas de uma análise crítica para executar uma ação de preenchimento, em vez de uma ação de linguagem. Como diz Cláudia Lemos, em seu também clássico artigo sobre redações no vestibular:

Essa estrutura-esquema ou arcabouço – definível como uma articulação de posições vazias – seria preenchida com asserções genéricas ou específicas, [...] Isso equivale a dizer que o vestibulando, em geral, operaria sobre um modelo formal pré-existente à sua reflexão sobre o tema. Ou melhor, que a organização sintático-semântica de seu discurso não representaria o produto de sua reflexão sobre o tema, mas, ao contrário, de um arcabouço ou esquema, preenchido com fragmentos de reflexão ou evocações desarticuladas. (1977: 62)

A utilização dessas *estratégias de preenchimento* confirma a incompetência textual desses indivíduos ao assumirem a posição de sujeitos da enunciação em um contexto sociocomunicativo característico de prova de redação. Podemos dizer que a sensação de vazio argumentativo que emana desses textos ocorre devido à assunção, pelo sujeito enunciador, de um lugar que, na realidade, ele não ocupa: o de leitor.

– Referência ao painel de leitura

Uma forma de estrategicamente preencher o espaço em branco da folha de redação é valer-se do painel de leitura como fonte de argumentos a serem recortados e ordenados para a composição do texto que precisa ser feito. Em uma temática como a ora trabalhada, valer-se do discurso trazido pelo painel de leitura é apoderar-se do discurso do enunciatário imediato, figurativizado na figura do professor corretor.

Observemos mais uma vez alguns trechos dos textos selecionados, de números 46 ao 52 (Anexo II, p. 87):

- 1) Os livros são verdadeiros *tesouros*, é um *Universo* de informações atuais, histórias e pode proporcionar mudanças na vida do leitor. [Texto 46]
- 2) *Palavras, imagens*, fazem *viajarmos* ao *mundo desconhecido*, cheios de fantasias... expressando imaginações, contos de fatos reais e a expressão de sentimentos. [Texto 46]
- 3) São muitas as razões para a leitura e o poder que a mesma tem para nos transformar são incontáveis. Ao saborear o que lemos, *viajamos* entre quatro paredes, isto é, ao entendermos o que as *palavras* nos revelam, temos o *passaporte para viajarmos* e desvendarmos o mundo, sem sairmos do lugar. [Texto 47]
- 4) A leitura tem o poder de ensinar, ajudar e fazer o leitor *viajar* em sua história. [Texto 48]
- 5) O poder da leitura é *universal* e é isso o faz tão forte e real. [Texto 48]
- 6) O *mundo dos livros* é de uma importância para o desenvolvimento cultural dos povos, é através deste *Universo* que *ficamos sabendo das mais variáveis vidas na terra*. [Texto 49]
- 7) Quando lemos entramos no *mundo da imaginação*, buscamos conhecimentos, deciframos, questionamos, debatemos, vemos o *universo* que nos permeia, em todos os lugares olhamos *cartazes, imagens, sons, gestos*, que sem querer, já uma forma de leitura. [Texto 50]
- 8) Existe *universo bidimensionais*, é quando chamamos de livro, que nos leva profundamente as incríveis surpresas, as lindas imaginações. Quando lemos embarcamos aos diversos lugares, estou falando de *viagem*. [Texto 50]
- 9) Ao descobrimos a leitura *viajamos para um universo* sem fim, que quando voltamos, nos trará uma grande percepção de uma paisagem, não só do que está em nossa volta, como também na vida que nos levamos para o futuro, e assim responder e compreender os diagnósticos de cada um, para passarmos aquilo que adquirimos com a leitura. [Texto 51]
- 10) E também a capacidade de sonhar, *viajar* nas páginas de livros com ótimas histórias, pois nós seres humanos precisamos da leitura, o mundo gira através dela, nós também giramos em torno da leitura. [Texto 52]

Quadro 6 - TRECHOS REPRESENTATIVOS (REFERÊNCIA AO PAINEL DE LEITURA)

Alguns referentes, introduzidos através de uma ativação ancorada, são retomados como palavras-chave no desenvolvimento das ideias sobre a leitura. As palavras *universo* e *viajar* tornam-se a base para a definição do ato de ler, como podemos perceber em praticamente todos os trechos. Expressões como “Universo de informações atuais” (trecho 1), “viajamos entre quatro paredes” (trecho 3), “viajamos para um universo sem fim” (trecho 9), “viajar nas páginas de livros” (trecho 10)

remetem à base de referência contida na coletânea de textos trazida pelo painel, especificamente ao primeiro e terceiro textos. E assim como os argumentos “exagerados” ou “ingênuos” mencionados no tópico anterior, os que se apoiam em ideias/textos preexistentes e explicitados no painel também demonstram o apagamento do sujeito agente-produtor enquanto sujeito autônomo do desenvolvimento de uma reflexão, capaz de selecionar fatos e conceitos em prol do seu posicionamento crítico.

– Repetição não-funcional / Ausência de progressão textual

Por fim, trazemos alguns exemplos de textos cuja ineficiência está centrada na ausência de progressão.

A leitura é capaz de nos transformar em seres melhores com capacidade de um desenvolvimento melhor, com essa transformação adquirimos conhecimentos que nos leva a ter uma melhor forma de entender o que nos envolve.

Através da leitura conhecemos outras culturas o que torna melhor nosso conhecimento para entender determinados aspectos seja ele qual for.

A leitura nos trás o conhecimento necessário para que possamos ter informações melhores de tudo o que nos rodeia. E para ter conhecimento necessário para nossa formação como pessoa.

Texto 14

Isso quer dizer que nós temos o nosso poder de transforma nossa leitura que é tão importante para cada um de nós. Entretanto através da leitura é que descobrimos novos universos sem ao menos sai de casa. A leitura traz par nós coisas muito importante, pois tanto nos transformamos em leitores, descobrimos coisas incríveis, por exemplo quando lemos um livro da nossa história, de romance, etc, estamos descobrindo coisas novas.

Viajamos um ponto da terra blissimo cheios de idéias, projetos e histórias maravilhosos, lemos por que precisamos descobrir e desvendar um mundo isso para nós faz com que passamos a olhar e questionar melhor o desconhecido.

Por isso a leitura é tão importante para cada de nós seres vivos.

Texto 15

A transformação leitora

Enquanto nos transformamos leitores, estaremos sendo influenciados pela leitura cada vez mais querendo ou não querendo. O mundo mostra transformação da leitura que permanecerá constante em nossas vidas.

A transformação da leitura nós ajuda a desvendar, questionar ou querer buscar o conhecimento da leitura com as transformações que ela nos proporciona.

São muitas as razões para que existam as transformações leitoras porque para cada pessoa exista o poder de transformação leitora, pois cada um recebe essa transformação de seu modo.

O universo das transformações da leitura rodeiam e guardam surpresas que nunca iríamos sonhar que o mundo descobriria os segredos que ela nós proporcionou.

Texto 16

A repetição não-funcional caracteriza textos que não apresentam uma continuidade progressiva. Observando os textos transcritos acima, percebe-se que nada é acrescentado ao tópico tratado e a estrutura “argumentativa” se esgota num circunlóquio que gira através do *conhecimento* (texto 14), das *coisas* (texto 15) ou da *transformação* (texto 16) que a leitura proporciona. Os complementos atribuídos ao referente “leitura” nada acrescentam a ele, o que demonstra a não-funcionalidade das escolhas feitas e a consequente incompetência de seus enunciadores.

CAPÍTULO 3

(IN)COMPETÊNCIA?

Atualmente os documentos oficiais que regem a educação brasileira estipulam que o processo de ensino e aprendizagem deve ser focado no desenvolvimento de competências e habilidades, visando à contribuição para o pleno desenvolvimento da autonomia do educando.

A noção de competência pauta-se na constituição de um conjunto de conhecimentos necessário para o desenvolvimento das habilidades, estas entendidas como aptidões práticas necessárias à realização de uma atividade. Se a competência se erige em um campo cognitivo, a habilidade se institui como um saber-fazer, relacionada à prática de um trabalho, e um saber-ser, ligada à autonomia do indivíduo enquanto agente em uma sociedade.

Na esfera educacional, mais especificamente na área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, no que tange ao ensino da língua materna, a habilidade que o indivíduo deve demonstrar está na capacidade de se instituir cidadão a partir do uso de sua língua, nas diferentes posições sociais que assume em seu dia-a-dia. Dessa forma, caberia ao ensino de Língua Portuguesa propiciar, gradativamente, esse domínio eficiente da língua materna e a percepção das diferentes linguagens veiculadoras de significados nos diversificados textos que circulam socialmente.

Especificamente relacionada ao ensino de Língua Portuguesa, a competência a ser desenvolvida pauta-se na capacidade de ler, compreender e produzir os mais diferentes gêneros de textos. Ao final do processo de escolarização básica (níveis Fundamental e Médio), espera-se que o indivíduo tenha o conjunto de conhecimentos necessário para prosseguir os estudos em um nível superior ou simplesmente desenvolver, mediante o uso da linguagem verbal, suas tarefas sociais com autonomia nos setores pessoal e profissional de sua vida.

Segundo Koch e Elias (2007: 39), há três grandes sistemas de conhecimento responsáveis pelo processamento textual, ou seja, pela atividade de leitura e produção de sentido: o conhecimento linguístico, enciclopédico e interacional. O conhecimento

linguístico abrange o entendimento gramatical e lexical da língua; o conhecimento enciclopédico – ou de mundo – refere-se a *conhecimentos gerais sobre o mundo bem como a conhecimentos alusivos a vivências pessoais e eventos espaço-temporalmente situados, permitindo a produção de sentidos* (KOCH & ELIAS, 2007: 42). Ou seja, quando é necessária a mobilização de informações extra-textuais, fora do texto, para que este possa ser plenamente compreendido. Já o conhecimento interacional é mais abrangente, subdividindo-se em conhecimento ilocucional, comunicacional, metacomunicativo e superestrutural, todos relacionados às formas de interação por meio da linguagem, por inserir nesse uso a presença do interlocutor e a consideração do contexto sociocomunicativo.

Interessa-nos relacionar e especificar melhor esses conhecimentos nos agentes-produtores das redações analisadas, tendo como parâmetro os textos efetivamente produzidos na edição do Enem 2006.

3.1. O avaliado

Cada vez mais, torna-se lugar-comum dizer que os estudantes brasileiros concluem o Ensino Médio sem saber interpretar e produzir textos de forma satisfatória. Os índices de diversificados exames comprovam isso. No caso do Enem, na edição analisada de 2006, temos uma baixa média nacional (52,08 – numa escala de 0 a 100 pontos) que corrobora essa afirmação. Associar esse fracasso ao ensino de língua materna é fácil e usual, mas aqui interessa-nos, em detrimento de nos voltarmos para o processo de ensino, analisar como a autonomia que lhe é por direito assegurada aos concluintes/egressos do Ensino Médio em relação ao uso que fazem de sua língua materna em um contexto formal de avaliação, se manifesta concretamente em um texto escrito.

Discorrer sobre a leitura implica necessariamente mostrar-se como aluno e explicitar uma trajetória estudantil. O texto 17, abaixo, é um interessante exemplo (mesmo sendo, nesse modelo, um exemplar único dentro de nosso *corpus*) de como o enunciador se coloca diante do tema proposto/exigido num tom de total liberdade, que

pode, na verdade, apenas ser a estratégia para esconder o “desespero” diante do tema “batido”, sobre o qual ele não gosta ou não sabe o que dizer...

A chatice que é ler!!!

Quão chato é ler, a literatura com certeza muda-nos. Na verdade não só ela, mas tudo que passa por nós, nos muda. Mais não entraremos neste mérito, ou fugiremos do assunto. O que lemos e aprendemos com essa leitura será o fato que marcará boa parte de nossa personalidade. Não julgaremos as pessoas pela aparência cor ou crença mais sim pelo que ele lê.

Claro que a leitura obrigatória é chata pra caramba. E essa é uma literatura que não nos atingira. A própria é capaz de mudar eu mesmo. Já sofri mudanças a respeito dela. O ultimo livro que li foi “Receita para ficar doente” e confesso que depois dele mudei meus hábitos físicos e alimentares. Percebi que o que me ensinam na Faculdade nem sempre está certo. A literatura informativa é a que mais muda, política, Economia Educação e sinceramente é o que mais menos chama a atenção. E isso arremedo de Literatura é uma mal necessário. Bom professor espero que tenha gostado dessa redaçãozinha estranha que fiz, que confesso essas temas do ENEM não despertam a imaginação são temas meio Batidos. Bom um abraço do candidato que marcou tudo errado na folha óptica.

Texto 17

Definitivamente, a “ousadia” demonstrada no texto acima não foi recorrente. Ao se comunicar com o outro, ao instaurar a presença do enunciatário no processo de montagem do texto, o conhecimento ilocucional do agente-produtor da redação leva-o a se dizer leitor ou, pelo menos, a reconhecer a importância da leitura para a vida de todos. Conforme demonstrado no Capítulo 2, referente à análise das redações, não é outro o objetivo da ação discursiva executada na escrita do texto do que o de mostrar-se leitor, consciente e confirmador da importância da leitura, corroborando o “inquestionável” discurso escolar.

Nesse ponto, ao considerarmos a situação de produção na qual esses agentes estão inseridos, a desconsideração da posição assumida pelo enunciatário imediato dos textos estabelece a falta de conhecimento sociocomunicativo e a inadequação do enunciador das redações ao contexto de avaliação vivenciado. A relação necessária entre enunciador (estudante/egresso do Ensino Médio) e enunciatário (Enem/professor corretor) não se estabelece adequadamente na medida em que há uma inversão de imagens, que quebra a hierarquia que deve se fazer presente entre aluno/avaliado e professor/avaliador em uma situação de exame. Os

participantes do Enem assumem o discurso escolar em favor da leitura à maneira do professor: estimulando, aconselhando, instruindo o outro a ler, como se se dirigissem a “alunos” que não gostam de ler.²² A frequência de textos predominantemente estruturados com sequências injuntivas e mesmo narrativas explicitam o trabalho linguístico que a maior parte desses agentes desenvolveram para terem assegurado seu objetivo maior de mostrar-se como leitor, de se colocar como alguém que “deu certo” nesse processo de ensino e aprendizagem. Adequar-se à temática proposta, da forma como esses agentes-produtores conceberam, foi considerar (na ativação de um conhecimento metacomunicativo²³) a necessidade de assegurar ao outro a confirmação de que a leitura tem o “poder de transformação”.

Ao se dizerem leitores, demonstrando essa inadequação ao contexto sociocomunicativo no que diz respeito à estruturação dos textos e à argumentatividade ineficiente, esses indivíduos, contrariamente, se mostram não leitores, confirmando o já desgastado discurso sobre a pouca prática da leitura entre os estudantes brasileiros. Usar de uma argumentação marcada pelo exagero ou pela ingenuidade, repetir ideias ou trechos contidos no painel de leitura da prova simplesmente para “dizer o que se espera”, conforme mostrado na análise do Grupo II, assinalam que o conhecimento de mundo (enciclopédico) desse indivíduo que se constitui agente-produtor/enunciador de um texto que servirá a um processo avaliativo, não condiz com o de um leitor eficiente. A ineficiência da leitura (do painel e, por que não, do mundo) marcada no discurso incompetente que os produtores dessas redações constroem assinala para indivíduos que não conseguem se constituir como sujeitos autores do que dizem, se evadindo da capacidade de usar a língua como possibilidade de manifestação de suas ideias, como ferramenta de cidadania, como capacidade de se constituir como sujeito na relação com o outro, enfim, como lugar genuinamente de interação.

²² Remetemos-nos ao Grupo I das redações selecionadas, cuja análise do subtópico em questão começa a ser apresentada à página 47. Esse conjunto de textos mostra uma argumentatividade pretensamente construída a partir de sequências injuntivas, cujo objetivo está centrado na ação de instruir.

²³ Conhecimento metacomunicativo é aquele que permite ao locutor assegurar a compreensão do texto e conseguir a aceitação pelo parceiro dos objetivos com que é produzido. (KOCH & ELIAS, 2007: 52)

Mas há os casos em que o discurso afirmado acerca da leitura se confirma não só no que está sendo dito, como também na forma como está sendo dito. E vemos, assim, que o indivíduo/cidadão participante do Enem se institui como agente de uma ação, não apenas social por ter se submetido a prestar um exame objetivando, quem sabe, a continuação de seus estudos ou, de maneira mais genérica, oportunidades melhores na vida; mas efetivamente de uma ação de linguagem, simplesmente por dizer e convencer, dando ao texto produzido a imagem do que um texto é: produto de um agente humano, por isso mesmo, de um ser cuja capacidade de reflexão pode se estender à sua própria condição de humano, eterno aprendiz, mutável e consciente de suas possibilidades.

A Evolução do Ser Humano através da Leitura

A leitura é um processo de decodificação de sinais, símbolos, palavras, gestos e atos. Desde o momento em que nascemos, vivemos em constante transformação através do entendimento e interpretação daquilo que estamos vivenciando. No entanto, a medida que somos introduzidos ao mundo temos que aperfeiçoar nosso modo de ser devendo aprender a ler não só as palavras, mas todas as coisas que estão ao nosso redor e necessitam ser interpretadas para nosso bom crescimento e desenvolvimento.

É importante ressaltar que, quando crianças não temos a capacidade de decodificar palavras, então nossa leitura inicia-se a partir da percepção de gestos, expressões e figuras. À medida em que vamos crescendo, gradativamente, com incentivo e escola, vamos nos tornando capazes de ler e interpretar as palavras e, é nessa época que devemos incentivar o hábito da leitura textual que, entre outros tipos de leitura, é a mais importante, pois através dela podemos desenvolver e aprimorar o raciocínio, interagir com o mundo e nos tornar indivíduos cada vez mais capacitados a conviver com os outros na sociedade.

Contudo, o hábito da leitura textual tem o poder de transformar qualquer pessoa, a não ser aquelas que não desejam mudar, pois cada vez que lemos alguma coisa deixamos de ser ignorantes acerca de algum assunto e sempre aprendemos algo novo. Assim, se todos pudessem ou quisessem ter o prazeroso hábito de ler, talvez teríamos um mundo com pessoas mais interessantes, dispostas a querer mudar e conscientes do seu papel na sociedade; tendo, então, a oportunidade de aplicar o que aprendeu para melhorar o lugar onde vivemos.

Texto 18

3.2. O avaliador

Abordar a temática da leitura em sua prova de redação edição 2006 fortaleceu, dentro dos princípios que regem o Exame Nacional do Ensino Médio, o seu caráter de prova autoavaliativa: para o Enem, ao averiguar como os estudantes se posicionam diante de um tema tão caro à prática pedagógica; e para os participantes

do Exame, proporcionou uma reflexão sobre a prática leitora, deixando transparecer – implícita ou explicitamente – sua atitude diante dela. De qualquer forma, os textos produzidos a partir desse estímulo se permitem como uma amostra prática do nível (Discursivo? Cultural?) dos cidadãos que possuem escolaridade média nesse país.

E para se medir o nível relacionado à prática discursiva (no sentido de se fazer uso da língua materna num contexto formal de comunicação a partir de orientações prévias), o Enem 2006, como é feito desde a primeira edição, em 1998, exigiu que para se discutir o poder de transformação da leitura fosse produzido um texto escrito, em prosa, dissertativo-argumentativo. Confirmando o ainda velho poder que a dissertação-argumentativa tem sobre as demais tipologias textuais no contexto escolar – principalmente no Ensino Médio –, é dado ao aluno um caminho sem muitas escolhas: organizar sua argumentatividade em um texto temático, estruturado em uma sequência lógica de introdução, desenvolvimento e conclusão, que apresente propostas de intervenção para o problema discutido. Assim, considerando-se o tipo de texto exigido, o estudante é avaliado no domínio que deve demonstrar a respeito da técnica sobre a produção dessa determinada estrutura textual. Uma técnica discursiva que se pressupõe tenha sido adquirida durante a trajetória escolar.

O próprio tema trabalhado, a questão da leitura, pressupõe, também, um discurso de afirmação dos seus benefícios e de autoafirmação do agente produtor do texto enquanto leitor. E essa exigência específica de “amarrar” a produção do texto em apenas uma tipologia desvinculada de uma abordagem pelo gênero textual traz ao Enem, no que diz respeito à prova de redação, um caráter de prova tradicional, na medida em que segue trabalhando com os já mencionados gêneros escolarizados. O Enem, na representação de um ensino que se faz ideal pela abordagem de competências e habilidades em detrimento de um conjunto de regras sem pertinência para a vivência do indivíduo/cidadão, se confronta com o texto “real” de brasileiros que, após o término do Ensino Médio, não conseguem através do uso de sua língua materna se afirmarem como sujeitos de seu discurso, serem bem sucedidos usando sua língua(gem) própria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ensinar e avaliar são partes de um mesmo processo, cujo objetivo principal é o êxito. Desse processo sempre se espera que o produto – o resultado alcançado – confirme a pertinência do conteúdo ensinado, na medida em que esse conhecimento adquirido deve se refletir no repertório cultural, na competência e habilidade dos indivíduos que concluem uma etapa de ensino. Ou seja, o “produto” é o indivíduo competente, com um conhecimento de mundo vasto e que tenha a capacidade de relacionar as diferentes informações às quais teve acesso em sua trajetória como estudante em prol de um satisfatório desempenho em sua vida social, profissional e pessoal. Assim, ensinar é tornar alguém competente.

O Exame Nacional do Ensino Médio institui-se como a parte avaliativa desse processo de ensino que se quer renovado, adaptado às novas exigências de uma era que prima pelo desenvolvimento tecnológico e pela rapidez das informações, na medida em que avalia não através da mensuração e aferição da quantidade de conhecimento, mas da amostragem do nível de competência que um concluinte do Ensino Médio possui.

No entanto, há algo que essa avaliação está captando que não corresponde ao resultado esperado por esse processo de ensino pautado no desenvolvimento de competências e habilidades: a incompetência desses indivíduos.

No que diz respeito ao que nos propomos a fazer, analisar a ineficiência de textos constituintes de uma ação de linguagem previamente inserida em um contexto comunicativo específico, verificamos que essa incompetência se estabelece em dois níveis, essenciais no trabalho com a língua materna: a atividade de leitura e interpretação e a consequente etapa de produção e adequação do texto ao entorno sociocomunicativo.²⁴

O concluinte/egresso do Ensino Médio demonstra uma incapacidade de leitura e compreensão da proposta apresentada: os agentes-produtores das redações

²⁴ Apesar do caráter genérico das afirmações, convém ressaltar que, ao fazê-las, estamos considerando o *corpus* da análise qualitativa apresentada no desenvolvimento do trabalho. A baixa média nacional na prova de redação da edição analisada (também nas demais edições) indica a falha desses indivíduos em relação ao que deles é esperado como concluintes ou egressos do nível médio da escolaridade básica.

analisadas não desenvolvem a estrutura textual exigida, mascarando a argumentatividade com relatos sobre sua trajetória de leitor ou conselhos, instruções em prol da leitura.

O concluinte/egresso do Ensino Médio demonstra uma incompetência linguística/textual/discursiva em relação ao contexto sociocomunicativo vivenciado: não se mostram capazes de relacionar informações/ideias para constituir sua ação de linguagem.

Por outro lado, o Enem, ao trabalhar na prova de redação com um tipo de texto que se valida pela estrutura, sem considerar a simulação de um entorno sociocomunicativo, acaba por intensificar o eco de um discurso escolar convencional, concretizado principalmente na voz do professor. Um discurso que pode medir o número de erros e acertos sem necessariamente desenvolver no aluno a capacidade de entender os próprios erros, atribuindo sentido ao seu processo de aprendizagem, numa constante autoavaliação.

Continuar a tentar se entender as razões pelas quais tantos brasileiros não se mostram eficientes no uso que fazem de sua própria língua materna constitui-se um desafio aos pesquisadores. A aceitação desse desafio pode trazer algumas respostas que, por sua vez, podem vir a se concretizar em algumas soluções, para, mais à frente, diante dos mesmos objetivos de se encontrar a incompetência, termos nossa hipótese refutada.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Gisele Gama; RABELO, Mauro Luiz (Orgs). **A produção de textos no Enem: desafios e conquistas**. Brasília: UnB, 2007.

ANTUNES, Irandé. **Lutar com palavras: coesão e coerência**. 2 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 9 ed. São Paulo: Hucitec, 1999. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira.

BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz (Orgs). **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade**. São Paulo: Edusp, 1999. (Ensaio de Cultura, 7)

BARTHES, Roland. **Elementos de semiologia**. São Paulo: Cultrix, 1992. Trad. Izidoro Blikstein.

BENVENISTE, Emile. **Problemas de Linguística Geral I**. Campinas – SP: Pontes, 1988.

BENVENISTE, Emile. **Problemas de Linguística Geral II**. Campinas – SP: Pontes, 1989.

BONINI, Adair. A noção de seqüência textual na análise pragmático-textual de Jean-Michel Adam. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. pp. 208-236.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Linguagem, códigos e suas tecnologias. In: _____ **Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio**. Brasília: MEC/SEF, 1999.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. **ENEM: Documento Básico 2000**. Brasília, 2000.

_____. Instituto de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM): fundamentação teórico-metodológica**. Brasília, 2006a.

_____. **Revista do Enem**. Ministério da Educação, abril/2006b.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos**: Por um interacionismo sócio-discursivo. São Paulo: Educ, 2003 (1999).

CALDEIRA, Josyele Ribeiro. **A redação de vestibular como gênero**: configuração textual e processo social. Rio de Janeiro: PUC, Departamento de Letras, 2006. (dissertação de mestrado)

CHOCIAY, Rogério. **Redação no vestibular da Unesp**: a dissertação. Série Pesquisa Vunesp 18. São Paulo: Fundação Vunesp, 2004.

COSTA VAL, Maria da Graça. **Redação e textualidade**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

CRISTÓVÃO, Vera Lúcia Lopes; NASCIMENTO, Elvira Lopes. Gêneros textuais e ensino: contribuições do interacionismo sócio-discursivo. In: KARWOSKI, A. M. et al. (Orgs). **Gêneros textuais**: reflexões e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. pp. 37-55.

DIJK, Teun A. van. **Cognição, discurso e interação**. São Paulo: Contexto, 1992.

FÁVERO, Leonor Lopes; KOCH, Ingedore G. Villaça. **Linguística Textual**: Introdução. São Paulo: Cortez, 1988.

FARIAS JR., Homero Gomes de. O dilema do ovo. **Cadernos do I.L. UFRGS** nº 23/24/25, 2003.

FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. **Lições de texto**: leitura e redação. São Paulo: Ática, 1998.

FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. **Introdução à Linguística da Enunciação**. São Paulo: Contexto, 2005.

HILA, Cláudia Valéria Doná. **As representações do contexto de produção da redação do vestibular**. Disponível na Internet em: <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/cd/port/37.pdf>>

HOFFMANN, Jussara. **Avaliando redações**: da escola ao vestibular. Porto Alegre: Mediação, 2002.

KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Xarim Siebeneicher. (Orgs). **Gêneros textuais**: reflexões e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **A coesão textual**. São Paulo: Contexto, 2005a.

_____. **Argumentação e linguagem**. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2006a.

_____. **Desvendando os segredos do texto**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2006b.

_____. **Introdução à Linguística Textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2006c.

_____. **O texto e a construção dos sentidos**. 9 ed. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. Referenciação e orientação argumentativa. In: KOCH, I. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Orgs). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005b. pp. 33-52.

KOCH, Ingedore G. Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender os sentidos do texto**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2007.

KOCH, Ingedore G. Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **A coerência textual**. 17 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

LARA, Gláucia Muniz Proença (Org). **Língua(gem), texto, discurso**: entre a reflexão e a prática. Vol. 1. Rio de Janeiro: Lucerna; Belo Horizonte, MG: FALE/UFMG, 2006.

LEMO, Cláudia T. G. Redações no vestibular: algumas estratégias. **Cadernos de Pesquisa** n. 23. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1977. pp. 61-71.

MACHADO, Anna Rachel. A perspectiva interacionista sociodiscursiva de Bronckart. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs). **Gêneros**: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. pp. 237-259.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Atividades de referenciação no processo de produção textual e o ensino de língua. In: SILVA, D. E. G.; LARA, G. M. P.; MENEGAZZO, M. A. (Orgs). **Estudos de Linguagem**: inter-relações e perspectivas. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2003. pp. 11-42.

MORATO, Edwiges Maria. Metalinguagem e referenciação: a reflexividade enunciativa nas práticas referenciais. In: KOCH, I. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Orgs). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005. pp. 243-263.

OLIVEIRA, Neil Armstrong Franco de. **Enem**: mecanismo de reformulação ou de avaliação do ensino de Língua Portuguesa? Maringá: UEM, Mestrado em Linguística Aplicada, 2002. (dissertação de mestrado)

PAVANI, Cínara Ferreira; KOCH, Vanilda Salton; BOFF, Odete Mria Benetti. **Redação de vestibular**: gênero heterogêneo. Revista Virtual de Estudos de Linguagem – REVEL. Ano 4, n. 6, março de 2006. [www.revelhp.cjb.net]. pp. 1-12.

PAVEAU, Marie-Anne; SARFATI, Georges-Élia. **As grandes teorias da lingüística: da gramática comparada à pragmática**. Tradução M. R. Gregolin et al. São Carlos: Claraluz, 2006.

PÉCORA, Alcir. **Problemas de redação**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. pp. 152-183.

ROJO, Roxane. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. pp. 184-207.

RUIZ, Eliana. **Como se corrige redação na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

SALOMÃO, Maria Margarida. Razão, realismo e verdade: o que nos ensina o estudo sociocognitivo da referência. In: KOCH, I. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Orgs). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005. pp. 151-168.

SALOMÃO, Maria Margarida. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. **Veredas: revista de estudos lingüísticos**. Juiz de Fora, v. 3. n. 1. 1999. pp. 61-79.

SARMENTO, Diva Chaves (Org). **O discurso e a prática da avaliação na escola**. Campinas: Pontes; Juiz de Fora: Edufjf, 1997.

SOUZA, Fernanda Cunha. O que é a Lingüística Cognitiva? In: **Entretextos**. UEL. Jan/dez 2007. pp. 07-22.

ZANUTTO, Flávia; OLIVEIRA, Neil Armstrong Franco de. O gênero de redação de vestibular: o que prova essa (re)produção textual? In: **MATHESES – Revista de Educação**. V. 5, n. 1. pp. 83-103, jan/junho 2004.

ANEXOS

ANEXO I

1. Grupo I

– Argumentação ou instrução?

O Poder de Transformação da leitura.

Quem não tem um bom livro de cabeceira. Pare e pense, o que seria do ser humano sem a leitura. Como nós ficaríamos sabendo o que aconteceu anos atrás, como as coisas foram descobertas, como viviam os primeiros seres vivos da terra.

Os livros na vida do seres humano é tão importante quando ar que respiramos. Se os livros não existissem de onde os escritores e autores de novela teriam espição para montar uma novela.

Hoje sem um bom livro, uma boa informação, você não seria ninguém, de onde você iria buscar o conhecimento, informações e ensinar outras pessoas.

Com bom livro você viaja para outras dimensões, trazendo milhares de informações e conhecimentos.

São muitas as razões para a leitura. Cadê leitor tem a maneira de ver e interpretar as coisas que lê.

Texto 19

O poder de transformação da leitura

A partir do momento que todos nós conseguimos ler alguma coisa já nós consideramos leitores apesar de cada leitor ler e interpretar do seu ponto de vista.

Tanto Eu quanto outra pessoa podemos ver o mundo de outra maneira muito diferente. Você pode ser um bom leitor a partir do momento que você revista jornais assistir televisão qualquer lugares que você for ou passa seja ele qual for é sempre bom ler não necessariamente tudo sempre aquilo que vai servi de util para voce ou para sua familia Um dia.

Eu peguei muitos livros e jornais e comessei a ser gostei muito de ficar lendo hoje me entereço muito pela leitura.

Você já imaginou-se muitas pessoas não soubessem ler iam fica imaginando tudo oque estáis escrito nos lugares, livros jornais, nunca os pegariam para poder ler e entender o que ali esta escrito.

Texto 20

O poder de transformação da leitura

É muito especial o poder da leitura para nós leitores, quando passamos a ler estabelece mais a função de aprendizado em nossa vida. Cada leitor sabe obter ou seja descrever o que está indicando sua leitura, quando estivermos lendo temos que se consentrar o maximo possivel e tentar gostar de praticar este desenvolvimento se torna muito mais importante e valorizado.

Você pode se transformar especialmente em uma imagem simbólica de um leitor, ser uma pessoa sábia e mais responsável através da aprendizagem, depois que fazemos a leitura temos que tentar entende-la o que ela expressar, não temos que só olhar e não saber o significado não adianta tudo isso faz parte da vida de todo ser humano.

Temos que viajar instantaneamente com a leitura dentro da nossa mente para que possa substituir nossos pensamentos de maneira diferente, melhor ela tem o poder de transforma os nossos entendimento e fazer nos sertirmos mais sábios.

Texto 21

“A leitura e suas vantagens”

A leitura hoje em dia tem a capacidade de transformar uma pessoa, não pelo simples fato de só ler, mas sim de abrir a mente para descobrir outras coisas e aprender com ela.

A leitura tem um lado positivo que ensina, nós termos o próprio gosto de entrar na história, e não só ler as palavras do livro por ler.

Por isso quem não gosta de ler, experimente e entenda o que o livro tenta passar para você, talvez você nem imagine mas o hábito da leitura, faz um grande diferencial para você e para mim. Quando algum dia você não tiver alguém para conversar com você, tente conversar com o livro, e você vai ver a transformação que ele vai fazer em você.

Eu também não tinha o hábito da leitura, porém, meus amigos me incentivaram a ler, e até hoje eu leio muitos livros e confesso que ele transformou, sobre o meu jeito de pensar e sobre outros assuntos, e digo que o livro ele pode ser considerado um dos melhores amigos do homem.

Texto 22

Para obter o poder de transformação da leitura, é preciso começar à praticá-la desde cedo, lendo histórias em quadrinhos até que passe a lê livros didáticos, jornais e revistas.

Para ser bom em leitura, a pessoa têm que ser muito caltelosso e paciente; pois não se lê um jornal sem lê um jibí. Quando você está no primário tem que procurá se aperfeiçoar na leitura para que depois não sinta falta dela.

A leitura para ser transformada é preciso ser bem praticada. Um bom leitor têm que saber tudo sobre a colocação de vírgula, acentos, ou seja saber tudo sobre a mesma.

Por isso, para ter o poder de transformação da leitura, é preciso ler muito mais muito mesmo, pois quanto mais se lê mais se aprende. A leitura para ser bem sussedida tem que ser bem lida.

Texto 23

O poder de transformação da leitura

O que seria das pessoas se não praticasse uma boa leitura diária? Pense em nossos filhos que hoje estão estudando e com a rápida mudança que cada dia ocorre, com as coisas que nos rodeiam.

Imagine se nós não estarmos bem informados sobre tudo o que acontece no mundo, cada dia que passa somos mais cobrados de nossos superiores, a tecnologia está mais avançada nos exigindo cada vez mais os nossos conhecimentos.

Hoje em dia aquele que não praticar uma leitura não conseguirá ingressar no mercado de trabalho e não conseguirá acompanhar a evolução do mundo que cada dia que passa muda.

Nos dias de hoje dispomos de bastante recurso literário, temos biblioteca pública, tem as escolas, só não lê quem não quer, e um grande aviso, pratique leitura porque o quê você aprender ninguém irá tirar de sua memória.

Texto 24

Pode dizer que um escritor é um grande sábio, mas pode ser uma criança, então se não se dedicar aos livros desde de cedo para seja algo na vida então sempre fale ao seu filho estude pra ser alguém muito reconhecido.

A leitura é fundamental à todos, sem eles ninguém aprendi ou melhorar o bom, nem que leia só o jornal, mas ele já é uma leitura informativa, ou um livro de aventuras ali vai dizer varias emoções e que disperse o interesse aos livros.

Então concluímos que todos devem pelo menos tentar pegar o gosto da leitura, se começar a ler não vai querer parar de ler. O que vim pela frente: jornais, folhetos, revistas, livros, etc.

Texto 25

A essência da vida

Hoje em dia se não lermos não somos nada, as crianças desde cedo aprendem a ler e se não fosse a leitura e os livros o que seria de nós, nunca viajaríamos em lindos romances, em várias épocas e países.

A leitura é o essencial da vida, o bom é que hoje em dia quem não teve oportunidade de estudar quando jovem, estuda agora, mesmo com seus 48 anos e ainda chega em casa como se tivesse 4 anos de idade e se comporta como se fosse a primeira vez em uma escola ou a primeira vez que leu alguma coisa.

E quem está aprendendo agora se sente feliz, porque às vezes precisava de alguém para ajudar a ler alguma receita de bolo, por exemplo, e agora que está lendo não precisa mais, por isso você que tem alguém em casa ou que conhece pessoas que não sabe ler nem escrever incentive ele ou ela a procurar uma escola para aprender a ler, por que a leitura é o essencial da vida.

Texto 26

O Poder de transformação da leitura

O mundo hoje anda meio que sem rumo ninguém mais lê, nem ao menos um jornal. Mas é necessário frizar que é com a ajuda da leitura que se forma um bom caráter e um bom cidadão.

O cidadão que lê, sabe dos seus direitos e deveres e sabe argumentá-los, porém aquele que se exclui do mundo da leitura não sabe nada, qualquer um irá lhe dobrar.

É na leitura que encontramos conselhos e instruções. Se procurarmos ler mais, saber mais sobre o que acontece em nosso redor será mais uma prova de que na leitura existe poder de transformação.

Transformação de pensamentos, tornando-nos mais sensatos e realistas.

A leitura não é apenas você ler, é ler e aplicá-la no seu cotidiano fazendo com que creça cada vez mais sua sede de leitura e de transformação através dela.

Transforme-se num leitor, buscando saber mais sobre a leitura, procurando se informar mesmo que seja sobre um jogo de futebol. Acredite no poder de transformação através da leitura e terá uma resposta certa que quando olhar para dentro de si verá que atualmente graças a leitura você sabe dos seus direitos e se transformou em um leitor consciente.

Busque a transformação através da leitura esse é o melhor caminho.

Texto 27

Quando na infância influenciada a criança começa a ler, nunca mais perde o gosto pela leitura, desse modo terá mais conhecimento na escola, na vida profissional e será uma pessoa inteligente.

Desde as séries iniciais, aquela criança que em seu lar, sofre influência de seus pais pela leitura, consegue aprender na escola com mais facilidade.

Pessoas que falam bem e que escrevem bem, são minorias na sociedade em que vivemos, mas com certeza tem mais facilidade em adquirir um bom emprego, pois tem mais argumentos e se expressam melhor.

Vidas são transformadas, quando bem exercitada a leitura.

Ninguém nasce sabendo, mas é preciso praticar e praticar muito, com isso as palavras fluíram em nossa boca, quando bem exercitada a leitura. Não esqueçam o poder está em suas mãos e poderá mudar a sua vida.

Texto 28

No mundo em que vivemos hoje tudo gira em torno do conhecimento, da leitura. Se tornamos obrigados a ler, lemos muitas vezes por necessidade de conhecimento de saber o que esta no nosso mundo, no nosso dia-a-dia, sempre buscando informações, tudo é através da leitura. Muitas vezes uma palavra pode significar muita coisa, onde cria muita curiosidade da leitura. O poder da leitura é muito grande, onde lendo podemos imaginar muitas coisas, conhecer muitos lugares, viajar para muitos países, e ate muitas vezes ajudar a si mesmo e ao proximo, através da leitura podemos nos tornar pessoas melhores e sair ou enfrentar muitos problemas, cada um tem seu jeito de ler, e so abrir o coração de deixar o a leitura a palavra domine você.

Texto 29

A leitura é uma fase mágica da vida

Ao nascermos nossos pais ler algum para nós dormir, vamos crescendo e aí pegamos a magia de aprender ler vogais e consoantes depois juntamos letra por letra para lermos uma palavra, verso, etc...

Sergimos com história que imaginamos lá, romance que escrevemos o que os olhos não disse, mas o que coração sente.

Não importa idade, nunca é tarde para ler um bom livro, deficiência não é problema para não ler.

Para problemas, cabeça-quente, enchaqueca aí vai um remédio mágico ler um bom e viajar nas histórias e nos romances escritos, experimente você vai adorar.

Texto 30

A Escolha é sua

Todos nós sabemos que graças a leitura podemos obter novos conhecimentos e informações. Ninguém gosta de ficar sem saber o que aconteceu ou que acontece no nosso planeta.

Conhecimento, só se adquire com o interesse à pesquisa, leitura, mas acima de tudo a leitura é a mais benéfica. A leitura tem o poder de aprimorar idéias, opiniões e sem dúvida tomar conhecimento de fatos, histórias em geral.

Se não se interessarmos pela leitura, seremos como uma plantinha sem água, nunca consegue crescer, ficar cheia de vida, nós somos a mesma coisa, sem a leitura não conseguimos aumentar o nosso vocabulário, ficamos pobres; sem informações, sem conhecimento.

Para crescermos e sermos alguém na vida precisamos abusar da leitura, além de ser prazerosa traz benefícios que nem imaginamos na nossa vida. Ocorre uma verdadeira transformação. Você prefere se transformar ou ser uma plantinha sem vida? A opção é sua.

Texto 31

O Poder de transformação da Leitura

Lê sempre foi muito importante, para nosso aprendizado, crescimento e para nosso desenvolvimento mental.

Conhecimento... algo que adquirimos lendo, estudando, e temos que ter consciência disso.

É desde criança que nos interessamos pela leitura.

Começamos ouvindo contos e ao falar, inventamos e fantasiamos nossas próprias histórias. Caimos num círculo de imaginações.

É maravilhoso o mundo mágico da Leitura, pois ela nos leva a lugares desconhecidos, à mundos encantados e até mesmo ao sucesso futuro.

O incentivo nos leva ao interesse e às palavras giram ao nosso redor, o Universo é em torno delas e tudo acaba virando um hábito.

A Leitura não vê raça nem classe social. Aprenda a ler e terá mais certeza que no amanhã serás alguém, em que possa se orgulhar e cada vez mais sonhar.

Texto 32

O pode da transformação da leitura

Atualmente, o número de leitores em nosso país é pequeno, são poucos os que realmente se interessam em abrir um livro ao invés de ligar a televisão.

Isso ocorre na maioria das vezes por que a pessoa não teve acesso e incentivo a leitura. Não descobriu a verdadeira importância de ler um bom livro. No livro pode-se viajar, ir ao inimaginável, adquirir conhecimento e cultura. Para escrever bem é preciso ler bastante.

Por isso tente ler mais e veja que ele só te trará coisas boas. Faça do livro o seu companheiro de todas as horas.

Texto 33

O poder de transformação da leitura

Em quase todos os aspectos de nossa vida acreditamos e sabemos do poder de transformação que nos é vinculada.

Sabemos também que no mundo tão globalizado em que vivemos precisamos de nos transformarmos a cada instante para conseguirmos um sucesso em nossa vida, e muita das vezes a correria do dia a dia é tão grande que nem paramos para pensar no poder de transformação da leitura; o que ela tem de capacidade para melhorar-mos nosso modo de viver. A cada momento que se passa descobrimos que toda transformação vem através do “poder de transformação da leitura pois, se não lermos como podemos descobrir o melhor, como podemos reconhecer que estamos agindo errado.

Se parássemos para meditarmos no “poder de transformação vindo através da leitura todos nós líamos mais, dedicávamos mais o nosso tempo a leitura.

Aprender nunca é demais por isso digo leia mais e verás o sucesso acontecendo em sua vida.

Texto 34

A arte de ler

É sim através da leitura, que desbravamos mundos, nos transformamos em rainhas, princesas, grandes guerreiros, heróis, palhaço, enfim em diversos personagens, que só o ato de ler pode nos encaminhar. Muitas vezes observei leituras fascinantes, que relatavam situações do cotidiano, situações muitas vezes vivenciadas por muitos de nós e ao ler o desfecho de tal história notamos que poderíamos termos feito o mesmo para conquistar algo, resolver algum problema, traçar novos objetivos em nossas vidas, inacreditável tudo através de um simples título, que por trás dele, apresenta um fascinante livro com uma história fantástica.

A leitura teria de passar a ser obrigatória nas diversas instituições de ensino existentes, pois com ela além de enriquecer a alma e a inteligência, faz com que consigamos desvendar até mesmo a língua Portuguesa e seus diversos significados. A leitura é arte, ou vice-versa, pois ela cria um mundo, que pode ser ele real ou imaginário, mas sempre com o principal objetivo de agradar o leitor e fazer com que ele se apaixone cada vez mais pelo ato de ler.

A arte da leitura se apresenta de diversas formas como por exemplo: a ficção, a aventura, no romance, em versos e poesias, narração, quadrinhos, figuras e desenhos. Enfim, independente da forma de ler, a leitura será sempre essencial para o crescimento humano; mesmo não sendo habituado a ler, pois é liberte-se disso e viaje consigo, apaixone-se pela arte de ler, que descobrirá um mundo novo e descondará a cada nova leitura o seu jeito próprio de ler.

Texto 35

O poder de transformação da leitura

Estamos vivendo em uma época onde a leitura é essencial para o nosso conhecimento, a usamos para receber informações e notícias, com ela nos tornamos pessoas mais cultas e inteligentes.

Mantendo sempre o ato de ler acabamos aperfeiçoando a nossa linguagem, conhecendo o português correto sem estudá-lo em gramáticas ou em sala de aula.

Lendo recebemos informações éticas, holísticas e mundiais, conhecemos lugares, culturas e línguas, temos informações a respeito de tudo o que acontece no mundo.

Ler deve ser indispensável para qualquer pessoa independente de raça, cor ou nível social, a leitura deve ser um hábito na vida de todos.

Portanto se você quiser aprender português sem estudar, viajar sem sair de casa, conhecer outros tempos, outras épocas e outras forma de vida, leia.

Texto 36**O Poder de transformação da leitura (tema: O poder das letras)**

Podemos observar no mundo que vivemos que sem cultura não somos nada na vida, pois a vida é repleta de surpresas, por isso digo que temos que ser persistente e lutar, não se esquecer que temos o dever de estar por dentro das atualidades do mundo, podemos começar a lendo um livro por mês; para que nunca fuja da memória os fatos acontecidos em certos livros que fazem parte do século que passou.

Também podemos mostrar para nossos filhos que a melhor coisa é estudar para que no futuro possa seguir uma carreira digna de um cidadão.

Os jovens do século XX não tem muito esforço de vontade de ser alguém na vida, pois pensam que a vida é viver diante nós nossos pais, não é não a vida é uma caixinha de surpresa, por isso lute por aquilo que quer, que um dia irá conseguir com esforço de vontade você irá chegar longe.

Texto 37

ANEXO II

2. Grupo II

– Argumentação ingênua/exagerada – definições

“Ler é um ótimo exercício e faz bem”.

O poder da transformação da leitura, traz ótimo conhecimento, torna um indivíduo mais inteligente e faz levar a ser alguém na vida.

Além disso a leitura traz ótimo conhecimento porque lendo, leva a ficar bem informados e ligados nos acontecimentos do País e do Mundo.

Embora seja uma ótima escola por que através da leitura o individuo se tornar mais inteligente e se torna uma nova pessoa ocupando sua mente com coisas que trará um futuro melhor.

Portanto ser alguém na vida não precisa ter dinheiro, boa família ser branco ou negro precisa sim em primeiro lugar estudar, querer e poder.

Lemos porque a necessidade de ler torna uma pessoa seria com caráter e assim de tudo para que o mundo ou a nação vindoura sejam de pessoas inteligentes, trabalhadores, honestos, com força de vontade e tenha menos fome, violência e prostituição infantil e assim o mundo será melhor.

Texto 38

O poder da transformação da leitura.

A leitura é um cartão de visitas. Como poderíamos somente olhar e não ler; nada teria sentido;

Leitura é o dom para aqueles que a entendem e a glorificam com suas palavras, rimas, contos.

Toda leitura é arte, de sobrevivência. Nós no mundo de hoje procuramos saber de notícias, de preferência boas, mas é difícil, em todos jornais você encontra tragédias.

Mas tudo bem, pois o mundo está sendo o foco das penúrias, mas para o bom leitor, meia olhada basta.

Saber ler é ocupar a mente e colocar tudo de bom nela.

Texto 39

O poder de transformação da leitura

A transformação da leitura faz com que todas as pessoas mantenham-se informados em todas as manchetes do mundo e para que não se atrase nos avanços das tecnologias e adquira mais conhecimento no seu dia-a-dia particular.

Para que isso aconteça, temos que agir, nunca ficar parados, e sempre buscando conhecimento e não se conformar com a informação que temos, é sempre através das leituras que podemos dar um passo a frente sem medo de errar, pois ela é um dos pontos máximo na nossa vida.

Um cidadão sem leitura neste mundo em que estamos vivendo, é como se fosse uma pessoa cega, ficaria difícil para tudo, até para viajar, isso sim é sem contar com a competição no mercado de trabalho esta sendo ruim até para quem sabe ler, imagine os coitados dos analfabetos que não sabem nem para onde estão indo.

Texto 40

O Poder de transformação da leitura

A leitura nos modifica em vários aspectos: a sermos pessoas melhores, a conhecer o mundo de uma forma diferente e ter grande capacidade de pensar, leitura contém várias informações para nossas vidas.

Leitura é uma magia que encanta as pessoas, quando estamos lendo aprendemos a ser boas, com a leitura somos mais humildes, sabendo lutar com pessoas difíceis, e confiar nos outros. A leitura passa segurança, sempre que estamos lendo perdemos noção do tempo, entramos de cabeça e nos transporta a lugares incríveis.

Quando a leitura nos transporta a lugares diferentes, conhecemos um mundo diferente, na nossa imaginação não há guerras e sim um mundo fantástico que não queremos sair de lá. Quando crianças lemos livros com histórias lindas e sempre com finais felizes, e isso, nos torna capazes de enfrentar o mundo mais confiante.

O raciocínio das pessoas nem sempre é bom, pois falta leitura, quando se lê estamos pensando, e isso, faz muito bem para o cérebro, ajudando a evitar várias doenças, a memória por exemplo precisa estar boa, e para ela estar em dia com a gente precisamos ler.

Com isso vemos que a leitura é necessária em nossas vidas, precisamos dela para nos manter bem informados e também sermos pessoas melhores, e sempre cada vez mais buscar coisas boas em nossas vidas, jamais parar de ler pois uma boa leitura uma boa pessoa.

Texto 41

O poder de transformação da leitura

É lendo que podemos ser melhores.

É na palavra do outro que adquirimos e construímos o nosso saber, é que damos azas a imaginação, corremos o mundo e voltamos a nós, como quem fez um cruzeiro a lugares, fantásticos, exóticos e até inimaginados.

Viajar através da leitura uma vez, é a garantia de que viajaremos sempre, porque a busca do novo é quase que uma necessidade, e não tê-lo é passar fome em plena fartura.

Hoje vivemos em um mundo que a leitura é indispensável para a comunicação, quem não consegue se comunicar, está condenado ao fantasma da alienação.

A leitura transforma homens, famílias e até nações inteiras, intelectual mas em principal moralmente.

A leitura é o primeiro passo para um mundo melhor.

Texto 42

As vezes percebemos que a leitura não é importante para a vida, com eles aprendemos a ser valorizar com atitudes de outras pessoas e muitas respeito.

O poder é ser mais, e não ser menos, com isso todos nós seremos vencedores da vida.

Juntos seremos eternos, amigos da leitura brasileira. A transformação tem o poder de ser leitores e não inleitores, devemos a ser orgulhar de nós mesmos a ser cada dia mais poder da leitura.

A sabedoria é o saber da vida de cada um de nós, mas isso não há certeza que vai ser muito gratificante, ao ser mais um a torcer para um mundo de leitura.

Nós sabemos que um dia vai chegar a nossa hora de mostrar o poder de transformação da leitura.

Texto 43

Poder de transformação da leitura.

A leitura na nossa vida é algo muito importante, sem a leitura não seríamos nada.

Pois com a leitura aprendemos coisas novas. Descobrimos novos universos.

E as vezes, nos sentimos como se estivesse nele. Ela nos transforma, nos leva a imaginação no mundo novo cheio de Fantasias e Alegrias.

É como se fosse o unico meio de ser feliz, de se sentir util para alguma coisa nessa vida.

E é também um meio de nos levar adiante nossos conhecimentos. E descobrir novos mundos, horizontes.

Em fim o mundo gira em torno da leitura.

Texto 44

É saber apreciar a leitura de uma forma diferente.

O interesse é um fato bastante importante, para a leitura é respeita quem escreveu o livro e interpretar o que está lendo, é ir além do que podemos imaginar, e mergulhar na leitura por que trás bons conhecimentos futuros.

A leitura faz parte da nossa vida, sem ter esse conhecimento não seríamos nada, a importância da leitura é que podemos conhecer varios lugares só apenas lendo e entendendo, o conhecimento nosso vai através da nossa capacidade de entender, apreciar e saber aproveitar os nossos momentos de leitura.

O poder da leitura é expandir um conhecimento maior que qualquer outro de falar correto, ensinar, dar conselhos e até mesmo de ser um cidadão cada dia melhor e capaz de alcançar os próprios objetivos, O poder da leitura nos faz ter mias respeito, não ser racista, nos faz entender os fatos, e ser paciente.

O poder da leitura é saber o que você está lendo, e se fortalecer a cada dia, leitura não é uma escolha mas sim uma solução para a vida. Quanto mais lemos mais livros queremos para aprofundar em conhecimento.

Leitura tem o seu começo mas quando chega o seu fim temos que partir p/ outra para recomençar uma nova história para apreciar e dar um novo valor sentimental, para nossas vida. O poder da leitura é o fundamental basta somente ter vontade que se acha o poder.

Texto 45

– Referência ao painel de leitura

O Universo dos livros

Os livros são verdadeiros tesouros, é um Universo de informações atuais, histórias e pode proporcionar mudanças na vida do leitor.

Palavras, imagens, fazem viajarmos ao mundo desconhecido, cheios de fantasias... expressando imaginações, contos de fatos reais, e a expressão de sentimentos.

Uma boa leitura, uma boa escrita.

A leitura nos revela novidades da realidade e ficção.

Ao mergulhar no mundo das palavras, mergulhamos no mundo do conhecimento.

Conhecimentos são levados para sempre, isso ninguém pode tirar, adquirimos uma boa linguagem, sabedoria, informação, que podem mudar a história de muitos leitores.

O livro é um mundo fantástico, quem lê é uma pessoa rica em sabedoria.

Texto 46

Tema: O poder de transformação da leitura

Título: A leitura e a nossa transformação.

São muitas as razões para a leitura e o poder que a mesma tem para nos transformar são incontáveis. Ao saborear o que lemos, viajamos entre quatro paredes, isto é, ao entendermos o que as palavras nos revelam, temos o passaporte para viajarmos e desvendarmos o mundo, sem sairmos do lugar.

O hábito da leitura nos desvenda os olhos, nos tornar pessoas mais questionadoras, críticas. A leitura simplesmente aguça a nossa curiosidade pelo desconhecido e nós consequentemente nos tornamos com um poder de percepção e cultura, antes incomparável.

Texto 47

O poder da Leitura e Real

O poder da leitura é real e muito forte, quem lê é atualizado, tem uma boa dicção que é fundamental para engressar no competitivo mercado de trabalho.

Onde não há leitura existe uma certa carência de cultura.

Ler faz bem para a alma e para o espírito, e não deixa de ser uma terapia, não se pode deixar morrer um ato rico e ao mesmo tempo tão simples que é a leitura

O ser humano deveria se dar ao luxo ao menos uma vez ao mês um bom livro, revista, jornal, não importa lêr é o que consta.

A educação brasileira anda meio pobre de leitura, por incrível que pareça, mas ainda existem escolas sem biblioteca, sem cultura.

A leitura tem o poder de ensinar, ajudar e fazer o leitor viajar em sua história

O poder da leitura é universal e é isso o faz tão forte e real.

Texto 48

O Poder de transformação da Leitura

A necessidade de se comunicar através da escrita e da leitura teve início na pré-história, a buscar decifrar o desconhecido, nas paredes das cavernas. A transformação começou nesta civilização. Hoje quando nos tornamos leitores entramos em um Universo magnífico de sonhos, ficção e realidade. Uma leitura tem o poder imenso de nos transportarmos por várias ocasiões imagináveis. É através da leitura que nos realizamos como leitor; Quando sabemos lê e como estar tudo colorido por que podemos estar bem informados sabemos o significado, percebemos, o que é lê nos enriquece como ser humano. O mundo dos livros é de uma importância para o desenvolvimento cultural dos povos, é através deste Universo que ficamos sabendo das mais variáveis vidas na terra. E através da leitura que podemos nos conhecer, nos visualizar e realizar grandes conhecimentos de nós mesmos o poder de transformar.

Texto 49

A necessidade da leitura é inevitável e depende de cada um.

Deixe cedo as nossas mães estimular a leitura, é contando histórias, é comprando livrinhos, entre diversas formas. Aprendemos que a leitura é fundamental, não importa a idade, o momento, pois para a leitura não existe. Quando lemos entramos no mundo da imaginação, buscamos conhecimentos, deciframos, questionamos, debatemos, vemos o universo que nos permeia, em todos os lugares olhamos cartazes, imagens, sons, gestos, que sem querer, já uma forma de leitura. Existe universo bidimensionais, é quando chamamos de livro, que nos leva profundamente as incríveis surpresas, as lindas imaginações. Quando lemos embarcamos aos diversos lugares, estou falando de viagem. A leitura tem grande poder, poder de realmente realizar, os nossos propósitos de viver na vida.

Texto 50

O poder de transformação da leitura

A leitura ajuda a nos desenvolver e descobrir os enigmas da vida.

Ao descobrirmos a leitura viajamos para um universo sem fim, que quando voltamos, nos trará uma grande percepção de uma paisagem, não só do que está em nossa volta, como também na vida que nos levamos para o futuro, e assim responder e compreender os diagnósticos de cada um, para passarmos aquilo que adquirirmos com a leitura.

A aprendizagem nos leva a um desenvolvimento e melhorar nosso comportamento.

A leitura não só tem melhorado a Educação como tem mudado muitas vidas do ser humano, que através da leitura construiu a sabedoria.

Texto 51

A Transformação da Leitura

A leitura faz parte do cotidiano, tornando-se muito importante na leitura encontramos várias traduções dos fatos.

Leitura palavra muito significativa é como um alimento necessário, realizando nosso modo de vida, mesmo assim muitas pessoas não possuem esse hábito simplesmente por preguiça gerando absurdos desnecessários, porque a leitura é fonte de inteligência capacitando as pessoas a dialogar com clareza qualquer assunto.

Portanto nos dias de hoje a leitura vem a ser tudo, quem não lê, não está estimulando raciocínio, o mundo está coberto de informações que somente o noticiário na televisão ou rádio não consegue transmitir. E também a capacidade de sonhar, viajar nas páginas de livros com ótimas histórias, pois nós seres humanos precisamos da leitura, o mundo gira através dela, nós também giramos em torno da leitura.

Texto 52